LAMPIÃO da esquina

Rio de Janeiro, março de 1980 — CR$ 25,00

CARNAVAL DAS BICHAS É O MAIOR DO MUNDO

ano 2
NUMERO 22
Leitura para maiores de 18 anos

GENI É A MÃE

O TRAVESTI: ESTE DESCONHECIDO

BUENOS AIRES: numa cidade em pânico, os gays resistem

HOMENS NUS!

Tá legal, "Geni"; mas e a mãe, tá boa?

"Queridos lampiônicos, é incrível certas atrocidades que ocorreram neste carnaval; principalmente no gueto de maior concentração guei, que é a Cinelândia. Onde bichas e travestis eram atacadas, surradas e rasgadas, como foi o caso de um elegante travesti, que passava com uma amiga, e foi encurralada no bar Amarelinho, onde foi espancada, ficando totalmente nua. Nossa polícia, o que fez? Nada. Dez policiais da PM se mostraram impassíveis ante esta cena. (...) Fato que me revoltou a ponto de me fazer chorar. Onde é que estão os nossos direitos? Queríamos ter o nosso sindicato, para que tomássemos uma providência, pois isto é o cúmulo.

O fato de atirarem latas de cerveja, adereços de blocos, pedaços de isopor nos homossexuais aos gritos de Geni é uma coisa do tempo medieval. Não estamos na era de Maria Madalena, que mesmo assim recebeu o apoio de Cristo. (...) Osvaldo Farias do Nascimento.

Emiliano Queiroz (ao lado), a "Geni" da "Ópera do Malandro". Abaixo, machões vestidos de "Geni" no carnaval: eram sempre os primeiros a jogar bosta. As bichas te agradecem, Chico Buarque de Holanda.

Meu caro Osvaldo: você deve ter escutado muitas vezes, no seu rádio, a música de Chico Buarque de Holanda, intitulada "Geni e o Zepelim". Se você a escutou com atenção, certamente terá percebido que ela tem uma fortíssima carga de denúncia, ao mostrar a atitude dos cidadãos bem-pensantes, que sempre utilizam os estigmatizados como o alvo preferido de sua hipocrisia. Geni, em que todos jogavam bosta, não se redime nem mesmo quando salva a cidade da destruição e do castigo trazidos pelo zepelim; passado o perigo, a mesma hipocrisia é retomada, e o bispo, o banqueiro, o prefeito, voltam a repetir o refrão: "Jogá pedra na Geni, joga bosta na Geni, ela é boa de judiar, ela é boa de cuspr; ela dá pra qualquer um, maldita Geni!"

Estranhamente, no entanto, a situação que Chico pretendeu denunciar através de sua música acabou minimizada pela força desse refrão. As pessoas passaram a repeti-lo sem se dar conta do que ele realmente significava dentro da música e, em pouco tempo, ele passou a funcionar como uma espécie de hino de guerra do machismo. Aos gritos de "Geni", eles procuravam o alvo preferido de suas frustrações — os estigmatizados.

Foi por isso que, neste primeiro carnaval da supostamente libertária década de 80, viu-se uma coisa que há muito tempo não acontecia na Cinelândia: bichas sendo linchadas. Não apenas as feias e pobres — qualquer uma que tivesse o azar de cruzar com uma das turmas mais exaltadas. Eu vi uma delas entrar no bar Tito sob uma chuva de latas de cerveja, numa situação que se agravou a tal ponto que o dono do bar teve que baixar as portas, pois ameaçavam linchar também ele e seus empregados.

Mas as mulheres também estão sendo vítimas da "síndrone de Geni". Foi aos gritos de "joga bosta na Geni" que algumas moças, que faziam **topless**, na praia de Ipanema, foram agredidas num domingo de tarde. E o linchamento naquela ocasião, também não aconteceu por sorte.

Agora veja você: claro que não era essa a intenção de Chico Buarque de Holanda, um artista no qual todos nós podemos confiar. Mas o modo como a sua "Geni" acabou sendo utilizada demonstra claramente que o assunto "minorias" é muito difícil de tratar (nós do LAMPIÃO, modéstia à parte, somos, por enquanto, os únicos especialistas). As boas intenções do compositor não bastaram para anular o seu machismo em relação ao tema, e "Geni" fez o efeito contrário.

No entanto, nem tudo está perdido. O próprio Chico, numa entrevista na tevê, antes dos tristes episódios do carnaval, já lamentara o fato de que sua música estava sendo utilizada pelos bofes reprimidos para agredir bichas e mulheres. Agora, soubemos que ele está preparando uma nova música — o título seria "Geni sou eu" —, dedicada às pessoas estigmatizadas, e com o objetivo de anular os efeitos negativos da primeira.

Chico Buarque de Holanda nos deve isso. Afinal de contas, ele, que atravessou a década de 70 como um símbolo de resistência, tem sensibilidade bastante para saber que, nesta década de 80, a luta é bem mais ampla que a outra em que esteve engajado, e que era limitada pelo sufoco. Neste novo **front** também estamos nós engajados. E as pessoas progressistas como ele têm a obrigação de saber: com todos os nossos direitos.

(Aguinaldo Silva)

LAMPIÃO

Conselho Editorial — Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição — Aguinaldo Silva.

Colaboradores — Agildo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, José Fernando Bastos, Rubem Confete, Henrique Neiva, Leila Miccolis, Luiz Carlos Lacerda, Mirna Grzich, João Carneiro, João Carlos Rodrigues e Aristóteles Rodrigues (Rio); José Pires Barroso Filho, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Marisa, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Curi, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto, Cynthia Sarti, Francisco Fukushima (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Luiz Mott (Salvador); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Políbio Alves (João Pessoa), Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí).

Correspondentes — Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova York); Armando de Fulviá (Barcelona); Ricardo e Hector (Madrid); Addy (Londres); Celestino (Paris), Anton Leicht e Nestor Perkal (Franskfurt).

Fotos — Billy Aciolly, Dimitri Ribeiro (Rio); Dimas Schtini (São Paulo) e arquivo.

Arte — Dimitri Ribeiro (coordenador), Nelson Souto (diagramação), Mem de Sá (capa), Patrício Bisso, Hildebrando de Castro, José Carlos Mendes e Levi.

Arte final — Edmílson Vieira da Costa.

Publicidade — Ward Omanguin Farias.

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/0001-30; Inscrição estadual, 81.547.113.

Endereço — Rua Joaquim Silva, 11 s/707, Lapa, Rio. Correspondência: Caixa Postal 41031, CEP 20400 (Santa Teresa), Rio de Janeiro, RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189/203, Rio.

Distribuição — **Rio:** Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. (Rua da Constituição, 65/67); **São Paulo:** Paulino Carcanhetti; **Salvador:** Livraria Literarte; **Florianópolis e Joinville:** Amo, Representações e Distribuições de Livros e Periódicos Ltda.; **Belo Horizonte:** Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.; **Porto Alegre:** Coojornal; **Curitiba:** J. Ghignone e Cia. Ltda.; **Vitória:** Angelo V. Zurlo; **Campos:** R. S. Santana; **Jundiaí:** Distribuidora Paulista de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; **Campinas:** Distribuidora Campineira de Jornais e Revistas Ltda. e Distribuidora Constanzo de Jornais e Revistas Ltda.; **Ribeirão Preto:** Centro Acadêmico de Filosofia; **Juiz de Fora:** Ercole Caruso & Cia. Ltda.; **Londrina:** Livraria Reunida Apucarana Ltda.; **Brasília:** Alexandre Ribondi; **Goiânia:** Agrício Braga & Cia. Ltda.; **Recife:** Deateca — Comércio e Representações Ltda.; **Fortaleza:** Orbras — Organização Brasileira de Serviços Ltda.; **Manaus:** Stanley White.

Assinatura anual (doze números), Cr$ 300,00. Número atrasado: Cr$ 35,00; Assinatura para o exterior: US$ 25,00.

Na foto de Cristina Calixto, um flagrante da reunião preparatória para o I Encontro Nacional de Homossexuais: durante dois dias, 79 homens e mulheres discutiram o temário do encontro, seus objetivos e propostas. No final, ficou decidido que uma comissão formada pelos grupos de São Paulo tratará dos últimos detalhes: local do encontro, hospedagem dos convidados, etc. Em abril, nos feriados da Semana Santa, quem viver verá: uma verdadeira multidão de bichas e lésbicas estará reunida num local qualquer de São Paulo para discutir — sem medos ou culpas — os seus problemas.

Ai, que São Paulo gostoso...

A segunda reunião organizadora do Iº Encontro Brasileiro de Homossexuais foi realizada em SP, no DA da Fundação Getúlio Vargas, no dia 3 de fevereiro, das 9 da manhã às 17 horas. Com exceção do BEIJO LIVRE (Brasília) e do GAAG (Rio), todos os demais grupos se fizeram representar: ATUAÇÃO FEMINISTA/SP (Déa e Conceição), AUÊ/RIO (Leila e Marcelo), EROS/SP (Luis Antônio e Luzia), LIBERTOS/GUARULHOS (Magal e José), SOMOS/RIO (João Carneiro e Yone), SOMOS/SP (Emanuel e Jimmy), SOMOS/SOROCABA (Hilário e Fran).

O mesário foi Eduardo (Somos/Rio) que conduziu muito bem os tumultuados trabalhos. Ele foi secretariado por Milton (Eros/SP) e por Paulo (Somos/SP). Das setenta e nove pessoas, a absoluta maioria era do Somos/SP, embora houvesse membros dos grupos do Rio (Auê e Somos) e dos demais.

Foram tomadas as seguintes deliberações:

— A maioria dos representantes votou pela mudança do nome, substituindo a palavra "Congresso" por "ENCONTRO".

— Será realizado no período de 4 a 6 de abril, em plena Semana Santa.

— Será constituído de duas partes: a fechada e a aberta.

— Na parte fechada, serão discutidos temas gerais (de interesse de todos os homossexuais) e específicos (de ordem interna dos grupos militantes), compreendendo a tarde de 6ª, o dia de sábado e a manhã de domingo. Dela só poderão participar os grupos organizados do em formação, pessoas empenhadas em formar futuros grupos, e homossexuais interessados, desde que expressamente credenciados pelos grupos organizados ou por **Lampião.**

E ainda sobre a parte fechada do encontro, terá ela a seguinte sistemática de trabalho: 6ª, à tarde, discussão em pequenos grupos de temas gerais; sábado pela manhã, relatórios, plenário e voto; sábado à tarde, discussão em pequenos grupos de temas específicos; domingo pela manhã, relatórios, plenário e voto.

— A segunda parte, no domingo à tarde, será uma sessão aberta a qualquer pessoa: imprensa em geral, representantes de grupos discriminados (movimentos de negros, mulheres, índios) e todos os que, como disse Trevisan, "não são considerados partes da luta maior, mas são tratados como lixo pelos manuais sociológicos: presidiários, loucos, menores, prostitutas, velhos e defensores da ecologia (aí se incluindo problemas da energia nuclear)". Os temas desta parte serão relacionados com opressão e repressão.

— Foram delegados poderes à comissão de infra-estrutura (constituída por representantes dos grupos organizados de SP) para que decida detalhes que ali não foram debatidos pelo adiantado da hora, tais como: local do Encontro, organização do temário geral e específico (já que foram apresentados mais de trinta temas), alojamento, passagem, tipos de limites dos convites de credenciamento.

Ufa, ufa!!! Agora um pouco de fofoca, porque todos nós somos de carne e osso. Na véspera do Encontro, muita música para alegrar a moçada: o Somos/SP conseguiu convites para conhecermos a Boite Nostro Mondo, dirigida pela Condessa, um dos muitos travestis que circulam no local. Foi ótimo. Toda gente dançando, numa empolgação que só, delícia das delícias... e sabem de uma coisa? Em discoteca não há nenhum vestígio de bairrismo não, minha gente, a integração entre paulistas e cariocas é perfeita...

No domingo, o tempo de uma hora estipulado para o almoço teve de ser um pouco ampliado, pela demora de atendimento nos barezinhos da 14-Bis. Eu e algumas pessoas do Auê ficamos com a turma da Atuação Feminista, ex-Lésbico-Feminista (tiraram o "lésbico" por repercutir de forma muito violenta entre as pessoas).

Motivo da divisão? No restaurante onde ficou o restante do pessoal, o garçom avisou que não poderia servir nossa mesa, porque estava sozinho e não ia dar conta de todas nós (...). De um jeito ou de outro, fiquei sabendo coisas do arco da velha... As menininhas lá estão animadas, botando pra quebrar — em todos os sentidos.

Depois da reunião, muitos papos em casa de Téka, regados a chás e cafezinhos, num ambiente bem descontraído, onde saiu desde planejamento de ação, até... cala-te boca. Seguiu-se um suculento caldo verde no Largo do Arouche e muita paquera pelo meio das ruas. Ai, que São Paulo gostoso...

Por essas e outras, gente, vocês não podem perder o encontro de abril. Não marquem bobeira: quem estiver interessado, escreva pro **Lampião** ou para um dos grupos constantes da lista publicada neste número. Peçam informações, e podem estar certos de que a gente dá... (**Leila Míccolis**)

Escolha aqui sua turma

Somos/RJ — Caixa Postal 3356, CEP 20100, Rio de Janeiro, Estado do Rio.

Somos/SP — Caixa Postal 22.196, CEP: 01000, São Paulo, São Paulo.

Auê/Rio — Caixa Postal 16218, CEP 20000, Rio de Janeiro, Estado do Rio.

Somos/Sorocaba — R. Fuado Bachir Abdala, 53/31, CEP: 18100, Sorocaba, São Paulo.

Beijo Livre — Caixa Postal 070812, CEP: 70000, Brasília, Distrito Federal.

Eros/SP — Caixa Postal 5140, CEP: 01000, São Paulo, São Paulo.

Facção Lésbico/Feminista — Caixa Postal 22.196, CEP: 01000, São Paulo, SP.

Libertos/Guarulhos — Rua Cabo Antônio P. da Silva, 481, Jardim Tranqüilidade 07000, Guarulhos, São Paulo (a/c Osvaldo Izidoro)

Grupo de Atuação e Afirmação Gay — Caixa Postal 135, CEP 25000, Duque de Caxias, Estado do Rio.

E atenção, 'gueis baianos: rodem a baiana, tudo bem, mas deixem de ser alienados. Participem de um grupo de discussão sobre homossexualismo. Para maiores informações, escrevam para Luiz Mott: Rua Milton de Oliveira, 114, 40000, Salvador, Bahia.

Aguardem!
LAMPIÃO nº 24:
Tudo sobre o encontro nacional do povo guei
E mais um encarte especial, inteiramente grátis:
Extra/LAMPIÃO nº2.
Em maio, junto com a festa Bixórdia nº 2

Queridos companheiros

Queridos companheiros. Fomos surpreendidos com a publicação de uma reportagem na revista **Fatos e Fotos — Gente**, de 28/01/80, nº 962, com o título "Homossexuais: a difícil luta por um lugar ao sol", onde há uma referência explícita ao Grupo EROS de São Paulo. Gostaríamos de protestar e esclarecer algumas colocações da reportagem, utilizando-nos do nosso querido Lampa — único meio de comunicação com o povo **gay** sem uma visão machista, patriarcal e conservadora.

Os esclarecimentos são os seguintes:

1) Nenhum membro do Grupo EROS-SP foi consultado ou entrevistado pela citada revista. Conseqüentemente, só tomamos conhecimento da reportagem quando de sua publicação. Deste modo, nos causa espécie a quantidade de distorções e inverdades existentes na reportagem a respeito do EROS.

2) Enfatizamos que o Grupo EROS não tem dirigentes de qualquer espécie. O Grupo sempre age e decide como um todo. Esclarecemos, também, que nosso amigo João Silvério Trevisan, que sempre nos apoiou em nossas lutas, não pertence, infelizmente, ao nosso Grupo.

3) O Grupo EROS nunca distribuiu nenhum tipo de conclusão de seus debates a profissionais liberais tal como exposto na revista.

4) E, em último lugar, jamais fizemos qualquer tipologia dos homossexuais, algo próprio a quem quer desunir o movimento homossexual no momento em que este começa a se solidificar e a se fortalecer. Para o Grupo EROS homossexual é homossexual, sem diferenças de classe, cor, sexo, idade, religião, ou qualquer outra categoria pretendida. Nosso objetivo é a união de todos os homossexuais, na luta pelo direito de termos nossa preferência sexual, o uso de nosso corpo pelo prazer.

Grupo EROS — Caixa Postal 5140 — São Paulo - SP.

Carnaval das bichas: o maior do mundo

Podem me crucificar, se quiserem, mas eu achei o desfile das grandes escolas um lixo. A imaginação das bichas carnavalescas — quer dizer, aqueles que bolam o visual todo das escolas —, ao contrário do que apregoa a imprensa gorda e burguesa, é de uma pobreza sem par; as pobrezinhas não conseguiram assimilar em matéria de cultura, ao longo de suas vidas, nada além de Walt Disney. Aqueles Zé Carioca e Plutos da Beija-Flor, meu Deus!

Exceção apenas para o divino Fernando Pinto, que fez o único carnaval realmente criativo na Mocidade Independente de Padre Miguel e, claro, não foi compreendido pelo júri obtuso. Aquela de vestir os componentes da bateria de índios aculturados — calça de tecido do tipo "oncinha", camisa estampada, peruca de índio-kanekalon na cabeça e óculos escuros — foi de um deboche inesquecível. Mas o júri se emociona mesmo é vendo a enfadonha aventura de Mickey Mouse no país dos paetês armada pelo Joãozinho Trinta.

Pra mim, aúnica escola emocionante foi a Unidos de São Carlos, exatamente a que tirou em último lugar. Quando ela entrou na Avenida, dava pra sentir, por trás de cada componente, uma pessoa. Eram bichas e putas do Mangue, delinqüentes à espera dos quais a polícia sem dúvida estaria no final da passarela, moradores do Morro do Estácio, todos com sua história pra contar. Não foi à toa que Mauro Rosas despencou do alto de um dos seus carros, e que uma bicha de uns 800 anos, vestida de bispo da Igreja Bizantina ou coisa que tal, a certa altura do desfile caiu de cara no chão, ficou imóvel durante uns quatro minutos, e depois, como se não tivesse acontecido nada, levantou-se e continuou com seu desfile. São Carlos, a escola dos estigmatizados, deveria ser adotada pelo pessoal do Lampião. Que Deus a conserve como está, para que reste, neste desfile de pompas e circunstâncias, pelo menos um traço qualquer de humanidade.

Ah, e é bom não esquecer Arlindo Rodrigues, mestre dos desvairados Joãozinho Trinta e Viriato, e que soube resistir com a maior classe ao banho de delírio que seus ex-alunos vêm dando no desfile. Arlindo foi campeão ano passado com o digno carnaval da Mocidade Independente e, este ano, soube adaptar uma escola pequena, a Imperatriz Leopoldinense, ao seu estilo, para ganhar outra vez.

Agora, detestável mesmo, é a hipocrisia que faz todo o mundo ignorar que o carnaval carioca há muito tempo transformou-se numa festa de bichas. Dêem uma olhada nas escolas de samba, inocentes crianças, mas com olhos de ver: quem planeja o carnaval, chegando a interferir nos sambas-enredos? Os carnavalescos. E quem são os carnavalescos em sua maioria? E as alas que fazem mais sucesso, inclusive porque são as que mais saracoteiam, que as forma? Porque a televisão focaliza a bunda de Eloína tremelicando diante da bateria da Beija-Flor mas faz os telespectadores pensarem que se trata de um mulher? Ninguém fala das dezenas de travestis que desfilam, um após outros, na Marquês de Sapucaí. E os destaques todos das escolas com suas fantasias faraônicas?

E na rua, quem é que incrementa o desfile das bandas, como a de Ipanema e outras que tais? Quem causa o delírio das multidões no carnaval de rua, desfilando com suas fantasias originalérrimas e alopradas? E nos bailes mais devassos, **quem é que tem os maiores peitos e os põem para fora?** Todo o mundo se delicia com o carnaval que as bichas fazem em todos os locais, mas há um complô de silêncio em torno disso. A grande imprensa ou simplesmente não fala, ou simplesmente se refere ao óbvio — o chato, cansativo, sem graça Baile dos Enxutos e acabou. Talvez seja preciso criar uma AERP, assessoria de relações públicas ou Riotur-Maldita, para alardear esta festa paralela que ocorre no carnaval carioca, e que, na verdade, é a verdadeira festa. Vamos parar de boicotar o carnaval das bichas, o maior carnaval do mundo? (**Aguinaldo Silva**).

Escolas de samba: ontem, hoje, amanhã

Deixemos o purismo de lado: as escolas de samba continmuam lindas. Afinal, ao contrário dos cordões baianos como Badauê ou Filhos de Gandhi, jamais se intitularam núcleos de arte negra. Com a devida exceção da Quilombo, nascida há pouquíssimos anos, elas sempre foram apenas grêmios recreativos formados a partir de 1928 e agrupando pessoas de várias classes e cores em determinados subúrbios cariocas. Houve algumas que estiveram até ligadas a clubes de futebol, como a Portela com o Madureira e a Mocidade Independente com o Bangu.

No começo do século, os ranchos desfilavam pela avenida Central (hoje Rio Branco) para deleite dos ricos. O arremedo suburbano desta diversão da elite são as escolas de samba, que desfilavam confinadas na lendária Praça XI. Escola que quisesse ascender socialmente tinha de virar rancho — como a famosa Deixa Falar, do largo do Estácio. Escola não tinha carro alegórico, usava apenas instrumentos de percussão e tinha outras tantas regras. A rigor, muitas das escolas atuais, antigamente seriam classificadas como ranchos.

Com o tempo, as duas coisas acabaram se fundindo — e os ranchos desapareceram. Já em 1935, no primeiro desfile oficial, dado ao acúmulo de público, foram eliminados os versos de improviso e assim inventado o samba-enredo. Dois anos depois, os fascistas do Estado Novo determinaram que os temas fossem também patrióticos. Portanto, vemos que as escolas sempre foram manipuladas pelo poder, e a nostalgia dos puristas é meio marota. Foi uma enxurrada de sambas sobre Tiradentes, Caxias e Getúlio Vargas (alguns até bonitos). Este rigorismo foi aos poucos sendo sacudido, até cair definitivamente em 1975 quando a Beija Flor sagrou-se campeã tendo por tema o jogo do bicho — atividade aliás ilegal.

Durante as décadas de 30, 40 e 50 imperaram a Portela e a Mangueira, usando estes códigos impostos de fora para dentro. Cristalizaram o estilo que convencionamos ser o "clássico": é a época dos grandes mestre salas e porta bandeiras, das perucas empoadas, do samba lento e poético. Já nos anos 60, o Salgueiro forçou a barra com temas mais imaginativos (**Xica da Silva** por exemplo), mudou o visual dos figurinos e alegorias até acelerou o ritmo do samba. Assistir às escolas desfilarem na avenida passou então a ser a principal atração do carnaval.

E hoje? Há quem as considere todas iguais, embora existam diferenças marcantes até no toque das diversas baterias. Há quem as considere descaracterizadas por abordarem temas como **As Minas do Rei Salomão** ou **Branca de Neve e os 7 Anões**. Até quando as classes menos favorecidas terão de abordar um repertório limitado pelo exótico para agradar aos donos do poder? Então um crioulo de Madureira não pode falar na conquista da lua, da anistia ou da independência dos países africanos — e deve ficar só no candomblé, na mandioca e na História do Brasil de escola primária? Isso é racismo, gente...

Na grande jogada de interesses econômicos nacionais e internacionais que está virando o desfile da avenida — hoje as alegorias valem mais do que o samba no pé — circunscrito ao desfile de segunda-feira do grupo I-B (confiram ano que vem). As escolas mais tradicionais (Mangueira, São Carlos, Império Serrano, Vila Isabel) não conseguem mais competir com grandes empresas como a Portela, a Beija Flor, a Mocidade Independente de Padre Miguel e agora Imperatriz Leopoldinense. São estas últimas ruins? Não: são até mais bonitas que as outras. Não está errado evoluir. Só que na evolução não é preciso jogar pela janela o que havia de bom antes. Neste ponto, a Portela parece ter chegado este ano na encruzilhada dos destinos. Nem virou misto de Walt Disney com Walter Pinto como umas e outras, nem de certo modo deixou de modernizar-se. Conseguirá manter este nível? A resposta virá apenas durante a corrente década. **Hoje tem marmelada?**

No caminho inverso está a Quilombo, que não concorre nem pretende grandes glórias. Os lampiônicos que não compareceram à Rio Branco às 3h30min da madrugada de terça-feira, não sabem o que perderam. Afinal, ver Clementina de Jesus abençoando a multidão e nosso colaborador Rubem Confete de mestre-sala, não é para todo dia. Quem não viu vai ficar com a boca cheia de formiga — e das saúvas.

E desde já esta história de mudar o desfile para o autódromo de Jacarepaguá tem de ser cortada pela raiz. Sai dessa, isso é crime de lesa-carioquice. Aí é que vira Moulin Rouge de uma vez... (**João Carlos Rodrigues**)

Uma viagem a Hollywood

As escolas de samba do grupo A-1 mais uma vez confirmam que o maior carnaval do mundo está fadado ao visual **hollywoodiano.** O primeiro lugar coube a três delas com obtenção dos pontos máximos em todos os quesitos: Portela, Beija-Flor e Imperatriz Leopoldinense. Quer dizer, a partir de agora os dirigentes das escolas têm que conseguir milhões de cruzeiros para manterem as glórias do primeiro lugar. Como conseguirão? "Em janeiro dinheiro pinta." Basta dar um jeitinho. Adeus ao samba no pé. Fica uma sensação que nós brasileiros moramos num país riquíssimo onde as torres de petróleo jorram muitos e muitos petrodólares.

A cada ano que passa o nosso desfile das escolas de samba toma um caminho elitista. Desde a venda dos ingressos até ao luxo apresentado na Avenida. O público que pagou a quantia de Cr$ 50,00 assistiu apenas a formação das escolas. Conforme os preços iam subindo o visual melhorava, chegando ao máximo em frente as arquibancadas de Cr$ 3.000,00. E o povo, que não dispõe de dinheiro, a maioria é claro, tem que se contentar com a televisão em branco e preto e fingir que está vendo um visual a cores, ou então que está na Avenida Marquês de Sapucaí. Assim foi o maior carnaval do mundo, um privilégio para poucos e uma vitória para os mais luxuosos.

Mas a Unidos de São Carlos e o Império Serrano, que obtiveram os últimos lugares, resistem e mostram o samba autêntico na esperança, quem sabe? de algum dia poderem ver seus esforços beneficiados com a verdadeira origem de nossas escolas.

Resta ainda a lamentar a apelação que a Mangueira fez ao usar Garrincha, visivelmente doente e abatido, como "boneco-decoração", no intuito de comover o público. Comoveu sim, e em vez de alegria trouxe tristeza, mais ainda quando sabemos que Mané Garrincha estava trabalhando para defender uns trocados para sua subsistência. **(AA)**

Paulistinha: cuidado com a caretice

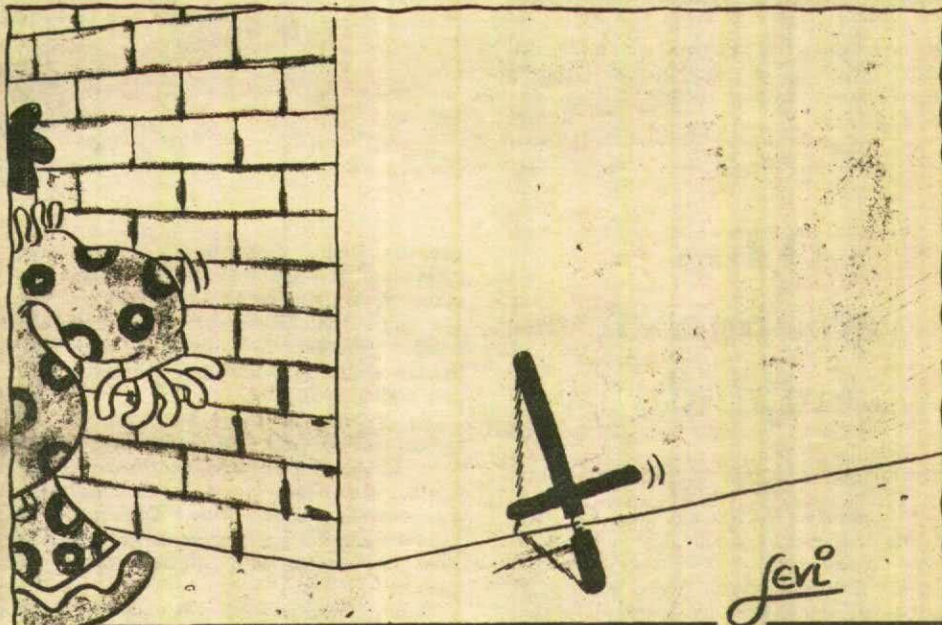
As bichas se queixaram, e com razão: este ano, o Berro do Paulistinha não foi, como nos dez anos anteriores, uma festa guei. Um fenômeno que já vinha se notando nos últimos dois anos desta vez agravou-se, e o Berro foi invadido por um bando de casais bem comportados e de classe média, que lá estavam para **ver os viados.** O resultado disso é que a festa não foi tão animada quanto nos outros anos em que ela mantinha o seu **status** de "maldita". As pessoas, sentadas em suas mesas, ou de pé, ao redor das barraquinhas que distribuíam chopes, simplesmente olhavam umas para as outras, sem maior entusiasmo. Do lado de fora dos portões, uma multidão de bichas implorava para entrar, mas em vão.

Claro, ainda assim o Paulistinha foi uma festa ótima. A decoração, de David Ribeiro, à base de veados (os animais, gente), era a mais bonita e criativa de toda a cidade (nada a ver com aquelas trolhas indígenas que penduraram na Marquês de Sapucaí, cruzes!), embora os bichinhos não tenham merecido os nomes que LAMPIÃO, especialmente chamado, escolhera para cada um; os organizadores temeram que alguns homenageados não gostassem da brincadeira e resolvessem processá-los.

Manolo e Zinho, os dois patrocinadores da festa, duas das pessoas mais interessantes desta cidade cheia de pessoas que se pensam interessantes, lá estavam a cuidar para que tudo saísse a contento. Manolo, a certa altura, quase atropelado pela multidão que insistia em entrar a qualquer custo no pedaço da Rua Gomes Freire fechado para o evento.

A certa altura, uma cena dantesca. Surge, em cada uma das janelas do hotel especialmente alugado para que os concorrentes trocassem de roupa, uma bicha de peitos bíblicos a mostrá-los sem o menor pudor. Um "oh!' de espanto da multidão bem comportada que, lá embaixo, formava a assistência. Alguns cidadãos, mais irriquietos, chegaram a gritar "desçam, desçam", mas foram logo contidos por suas esposas, pois era isso o que havia no Paulistinha em sua maioria: maridos e esposas, arth!

Mas como toda bicha tem que dar a volta por cima, após perder algum tempo numa discussão consciente sobre a exploração que os homossexuais vêm sofrendo, . muitas se reuniram num bloco denominado "Soltas na Vida" e saíram pelas ruas a fora cantando "põe pimenta, põe pimenta, põe pimenta, põe pimenta que é pra ver se a bicha guenta" (samba que deverá despontar brevemente nas paradas, com pequena alteração, na voz de Elza Soares).

Um recado a Manolo e Zinho: o Paulistinha sempre foi a melhor coisa do carnaval carioca. Este ano ele deu pra trás. Mas é só dar uma incrementada no próximo; menos ordem, mais bagunça. E muita bicha lá dentro. Não apenas as que vão desfilar, que estas são as menos interessantes. Mas aquelas que pulam e saracoteiam, que instauram a desordem e esquentam qualquer ambiente. Senão o tradicional Berro acaba virando uma festa igual às outras, e isso será o fim. **(AS)**

Enxutos: é pura exploração

O carnaval guei (ou das bichas, entendidos ou ainda dos enxutos) foi um tanto melancólico no que diz respeito à participação do povo guei. Explico: o cinema São José, que promove o tradicional Baile dos Enxutos (que nome mais fora de moda!) resolveu este ano dar uma grande facada nos freqüentadores daquela casa. Cobrou a exorbitância de Cr$ 1.000,00 por apenas uma noite. Acontece que esta casa de espetáculos não passa de um poeirinha (o cinema cobra Cr$ 20,00 preço único pelo conforto que oferece), e cobrar a quantia de mil pratas para um baile, como se fosse realmente um acontecimento de gala, convenhamos, é um absurdo. Se não, vejamos: seus banheiros são de um estado de calamidade abaixo da crítica, suas cadeiras e camarotes parecem pertencerem ao barracão mais simples de um morro, o chão tem todos os vestígios de que não foi limpo há séculos, o calor que reina no ambiente, devido à pouca ventilação, chega a ser insuportável, enfim as condições da casa são ridículas.

Ganhar dinheiro nunca fez mal a ninguém, acho que se o São José fosse um lugar turístico e limpo poderia cobrar até mais. Pobres dos turistas que lá estiveram a fim de ver o nosso carnaval guei. Devem ter ficado apavorados com a pouca higiene, e a esta altura possivelmente estarão decantando que o Brasil guei, através dos seus bailes mais tradicionais, é um verdadeiro lixo.

Nos outros dias o preço ficou de Cr$ 300,00 e Cr$ 400,00, ainda muito caro principalmente pela economia de guerra por que estamos passando.

Até o pessoal que fica na porta, nas sextas-feiras de carnaval, para ver as bichas passarem, aproveitou para bagunçar o coreto, só não fazendo um protesto aberto, com cartazes e tudo mais, devido à pouca consciência política ainda existente na maioria dos gueis.

Neste mesmo ritmo de protesto um outro grupo foi formado na frente da muralha faraônica colocada na rua Gomes Freire onde é dado o também tradicional Berro do Paulistinha, o qual este ano dedicou sua festa ao "society" carioca, negando assim convites para que os gueis assistissem à festa que também é deles e feita por eles. Poucas foram as bichas privilegiadas que participaram da festa. Na passarela desfilou um grupo de bonecas como se fossem simples palhaços para servir de comentários graciosos tais

como: "neste carnaval eu participei do desfile das bichas"; "você viu os peitos daquele viado?"; "olha a audácia daquela boneca", e assim por diante. (AA)

E O CARNAVAL DO RECIFE, HEM, BIENAS? VOCÊS DANÇARAM; NEM UMA NOTÍCIA SÔBRE ELE. MEUS PROTESTOS. AS LA MAMBADA.

O Rio amanheceu mijando

O Carnaval de rua teve este ano o seu ponto máximo de animação. Mesmo com os preços absurdos dos alimentos nas diversas barracas o povo não deixou de brincar. Quem podia pagar caro por um sanduiche ou beber uma cervejinha, se alimentava e caía na folia. Os outros brincavam com a barriga vazia mesmo. Era uma festa só. Ao som de vários blocos de sujos que invadiram a Avenida Rio Branco, todos pulavam e cantavam e esqueciam que a vida está difícil. Cada um se fantasiou como pôde. Ora passavam diversos travestis ora eram pessoas com máscaras e vestimentas pobres que pulavam sem parar.

Também a presença dos argentinos se fez representar nos folguedos de rua. Facilmente se indentificava os portenhos; estavam simplesmente boquiabertos com tamanha liberdade, e aos poucos trataram de cair na gandaia, enquanto a liberdade lhes permitia colocar para fora toda uma repressão imposta no seu país de origem.

Assim foi a partir da sexta-feira e nos três dias seguintes.

Poucos foram os incidentes naquela área. Entre eles o assalto foi o mais comum. Eram turistas que, desavisados, passavam nas áreas isoladas pelas obras do metrô. No imenso grupo que costuma brincar na frente do Bola Preta a violência não estava fácil. Muitas pessoas tiveram seus relógios arrancados do pulso. E existia um verdadeiro grupo de ladrões que se organizaram para assaltarem em bloco.

Apesar disso a alegria que invadiu a Rio Branco na terça feira de carnaval ficará na história. Desde cedo milhares de pessoas se deslocaram para aquela área da cidade a fim de dar o adeus aos folguedos de Momo. Os grupos gueis não faltaram, e a pegação correu solta. Bastava olhar para os foliõs: uma onda de sexo invadia a avenida.

Todos paqueravam na maior liberdade possível. Via-se bicha com bicha (sem dar lagartixa), homem com homem (sem dar lobisomen), mulher com mulher (sem dar jacaré) e homem com mulher (que possivelmente dará muitas crianças do signo de escorpião, todas mordendo as próprias causas). Só não saiu acompanhado nesta noite quem não quis ou então ainda sofre de um processo muito grande de inibição. A ordem era: faça o amor, seja como for.

Apenas um fato a lamentar: o cheiro de mijo que todos os anos se espalha pelas ruas do Rio é dose para leão. A ausência total de banheiros públicos obriga os foliões a mijarem nas ruas. Com o passar dos dias não existe nariz que suporte o mau cheiro. Será que a criação de banheiros públicos nesta cidade ainda não foi programado pela Prefeitura? Eu por aqui vou fazendo o meu apelo. Meu narizinho sensível a certos odores fica irritado. Alô, Alô prefeito Israel Klabin, vê se é possível pensar um pouco no povo que não pode gastar nos bailes! A criação de banheiros públicos é uma necessidade urgente. Quem sabe a taxa do lixo pode contribuir para evitar este "probleminha?"

Mas mesmo com o cheiro infernal do mijo, na 3ª feira, às 3 horas mais ou menos, desponta na Avenida Rio Branco a G. R. A. N. E. S. Quilombo. Neste exato momento está se encerrando o maior carnaval do mundo. Todos na rua esquecem as tristezas, porque o verdadeiro carnaval popular entra em ação. E vem com o tema Dia de Graça, de Sobral e Feliciano, numa homenagem clara ao saudosíssimo Candeia. Surge então um inesquecível delírio. O samba, que poucos conheciam, rapidamente vai sendo entoado como um cântigo dos deuses negros. É a integração total: **Negro... Acorda / Desperta deste sonho desta ilusão/ E verás.../ Que uma epopéia é muito mais.../Que os versos de lamento da tua canção/.** Assim inicia o samba da Quilombo que traz como mestre-sala o nosso Rubem Confete e como destaque sua madrinha: Clementina de Jesus, num carro, acenando para o público. Várias vezes os foliões correm em sua direção e biejam sua mão. Um ato emocionante. Também desfilando Paulinho da Viola e Clara Nunes, misturados aos elementos da escola, sem se preocuparem em ser destaque.

Difícil mesmo é não deixar de entrar no bloco que fica atrás da escola. Mesmo cansado o público canta o samba e "dá no pé", porque ali está presente a verdadeira escola popular, sem luxo nem riqueza, simplesmente trazendo alegria para todos. E segue o refrão cada vez mais forte: **Acorda negro, ô ô ô ô ô.../ Nosso mestre foi quem mandou.** É o encerramento apoteótico da Quilombo, que desta forma salva o intuito de uma escola de samba, que é nada mais nada menos que o de integrar sua alegria com o povo. (Adão Acosta).

Na Bahia todo o mundo gozou

O estopim do carnaval guei da Bahia começou com o anunciado **Baile do Crum**, que o ator Benvindo Sirqueira, bem acompanhado, imaginou para colorir o tênue **Baile das Atrizes** (entregue a mãos "estrangeiras", depois de João Augusto, realizador anual do mesmo). Cartazes com a figura de um simbólico pênis foram espalhados pela cidade. Tudo aconteceria na boate Abajur Lilás (antiga Parafernália), com reunião de entendidos, artistas, Fernando Gabeira, muita purpurina, plumas bons requebros e fantasias as mais espalhafatosas.

Mas o acontecimento não teve o sucesso esperado. Se bem que quando o jornalista e ator Rogério Menezes entrou num maiô antigo com florzinha amarela na lapela, fantasiado de "Libélula Desbundada" todos viraram os olhinhos pra cima e sussurraram **uau.** No mais, entretanto, as fantasias corriam vulgares, fora-de-visual, horrores os mais diversos. Além disso, nas duas portas da boate, penetras se acumulavam tentando entrar (inclusive eu) e ocupar o espaço sufocante que lá dentro não dava pra ninguém pular. Houve quem se divertisse, claro, mas a maioria saiu revoltada. Uma bichinha minha amiga, fantasiada de egípcia, me falou: **"Show** pra bofe e rachada, foi isso aí. Música de orquestra, você já viu? Uma droga... uma falta de classe, um velório chamado de carnaval". Veneno da outra? Exagerro? Pode ser, mas o certo é que a festa nem foi comentada depois.

Também o Baile das Atrizes não deu essas coisas (ao contrário, o do ano passado foi ótimo). Até as duas horas da manhã tinha gente se espremendo contra a amurada do Teatro Vila Velha, tentando entrar. Igualmente cheio e sem graça, o troço mais cômico que aconteceu foi na hora do abraço do prefeito Mário Kertez a Tereza Rachel, atriz. Uma boneca muito louca se meteu na frente e começou a fazer gracinhas, caretas, um arraso!

Graças a quem quer que seja, a coisa mais quente continua sendo a Praça Castro Alves. Qualquer bicha que tenha estado lá pode confirmar. Uma loucura muito bonita e gostosa que só nós baianos, sabemos fazer e oferecer (modéstia a parte, viu despeitadas sulinas?). A suruba popular começou já no sábado e se estendeu até terça-feira de madrugada. Muita gente, muita piração, muito fechoécler (a nova glória pra dizer "arraso") e por aí vai.

Já no sábado a tarde, no desfile das bichas, que ia da escadaria famosa até uma plataforma erguida para um pretensioso consurso de segunda-feira, as bonecas pularam tanto, gritaram e espernearam que derrubaram o madeirame todo. Resultado: a passarela perdida, as bichas desfilaram no meio do povão, lá embaixo. Mas antes de continuar, vou fazer um parênteses: em plena praça, pra riso geral da nação bichal, mandaram colocar um coraçãozinho vermelho nas mãos estendidas do poeta Castro Alves. Dava pra avistar de longe, de botar inveja em qualquer bicha Marta Rocha (de duas polegadas a menos, uai).

Pra mim, pessoalmente, a praça tava muito gostosa no sábado. Os trios vinham e iam nem tanto embalados, mas maneirinhos e a gente pulava. Homens aos pares e mulheres também, sem esquecer o já cansativo par heterossexual,

todos nós, numa democracia sexual, nos amávamos aos beijos, abraços e apertos, como se aquilo ali nada tivesse de bizzaro. Claro que um ou outro, menos avisado, que chegava, sem querer, no reduto homossexual, estranhava, olhava, com cara de "isso existe mesmo"? Aí ou fazia alguma piadinha, ou se benzia e ficava, ou se mandava numa boa. Portanto: a felicidade se estendeu até não-sei-que-horas. Inclusive, lá solto a fococa: eu vi o presidente da UNE, muito bonitão do jeito que ele é, num beijo coletivo. E muito universitário lá soltando os bichos e as bichas que têm dentro de si.

No domingo, segunda e terça as coisas foram geralmente as mesmas, com as lógicas variações. Lembro do casamento de um travesti que chegou na escadaria todo de branco. Aplaudida, ela cumprimentou o público. Um bofe alto e louro (tipo estrangeiro mesmo) serviu de noivo. Na hora do beijo, o povão cá de baixo gritava: "beija, beija"! O machinho botou a mão entre a sua boca e a dela, beijou e recebeu uma salva de vaias. Aí ficou oriçado, beijou a boca da rachadinha que o acompanhava, mostrando que "meu negócio é esse aqui". Novas vaias, urros, bichas revoltadas só faltavam jogar tomates e ovos podres. Ele saiu que nem se viu.

Maconha, éter e muita piração do gênero também não faltou. Dava pra ver camisas amassadas nos diversos narizinhos, fumo puxado gostosamente ao pé da estátua do poeta, coca e outras coisas, mais ou menos sofisticadas que não tem razão de eu ficar descrevendo aqui. O legal do lance é que não houve repressão, nem do povo nem da polícia. Tava todo mundo descontraído, levando o carnaval como se deveria levar a vida.

Lances de gozo e prazer? Pois é, os hotéizinhos dali, os apartamentos dos amigos, as casas da orla que o digam. Na Praça, uma coisa chegou a me assustar: um bofe botou o pau pra fora, cinco ou seis rapazes delicados botaram também e começaram a se masturbar olhando o macho perplexo. Essa de mostrar o cacete deu de sobra. A única coisa que me intriga é que a gente só via os bem-dotados (aspas, **please**) que a Sociedade e o Sistema aplaudem e enfatizam. Onde pois a liberdade? Porque os curtinhos, os modestos os fora-da-lei, esses continuaram envergonhados. Não devem, porque, como dizia um amigo meu; bicha que é bicha gosta de homem, né? daí que pouco importa o tamanho do pau dele. Grande ou pequeno ou como for, tem mil outras coisas pra se dar valor numa trepada. Lady Francisco que o diga!

No meio da bixórdia baiana tinha também gente famosa. Caetano e a família Telles Veloso estavam no lugar tradicional de sempre, num dos lados da estátua. Aquele garotão da propaganda da Pepso-dent rodando de um lado pro outro com um louro alto, um gatão (mas não se assanhem não que o cara vive dizendo que é heterossexual, isole na madeira!).. Alguns travestis da terra, que agora eu só me lembro de Floripes, mas as outras me desculpem por eu não citar nomes. E bichas jornalistas, artistas, do meio de frente do **gay power** soteropolitano. Não vou dedar, porque tem uma maioria que é muito enrudita e me passaria os cascudos depois.

Todo mundo gozou, eu acho. Os trios não tavam quentíssimos mas o povo era fogo só. A praça estava cheíssima e alguns tradicionalistas se queixavam, tipo "a minha praça não é mais aquela". Houve algumas brigas de bofes que se viam beslicados por bichas, mas nós de cá venciamos com plumas violentíssimas. Tinha de tudo que se quisesse, do mais infinito ao menos infinito. Eu aproveitei bastante. Meu corpo que o diga. E não me arrependo de ter feito nada do que fiz. A liberdade, pra quem não sabe, tem gosto de chocolate e tutti-frutti na boca. Às vezes, de cerveja, esperma, sangue ou, quem sabe, cuspe mesmo. No ano que vem deve ter mais. ((Paulo Emanuel)

O baile do preto e vermelho

Ninguém conseguiu ficar sem se divertir no baile vermelho e preto do The Club . Mas, apesar da sugestão, poucas pessoas estavam fantasiadas com as cores sugeridas, inclusive a decoração da casa limitou-se somente a faixas enroladas em algumas colunas ou esticadas na parede o que tirou visualmente o clima momesco.

O apelo publicitário que dizia "travesti, não paga ", parece que também não surtiu muito efeito; não havia mais que cinco, além da belíssima melindrosa **platinum blonde** que fazia as honras da casa. O ambiente estava descontraído, a casa lotada. Dentre os foliões destacou-se pela euforia, um ator "Global" (atualmente sem atuar no horário nobre) que puxou um dos lampiônicos tentando por força arrancar-lhe a sunga.

José Fernando compareceu com duas estrelas de seu show "Gay-Girls", em cartaz atualmente no Teatro Alaska, Eloína e Jane, que escolheram a melhor fantasia e o melhor travesti da noite. E por falar em travesti, é bom lembrar que o conceito antigo de boneca desfilando apenas charme e dizendo coisas decoradas não é mais cabível, e Jane, a "coisinha do pai" (vide Lampião n. 21 — P: 16) mostrou isso muito bem, com seu senso de improvisação, garra e inteligência.

Para o primeiro lugar em fantasia o ganhador foi um rapaz alto, de corpo escultural, do qual não se podia identificar o rosto por estar usando uma pequena máscara branca; sua fantasia consistia de uma capa tipo super-herói e uma sunga sumaríssima bordada de **strass.** O primeiro colocado em travesti foi um francês que também não foi identificado. Destacou-se ainda a atenção, presteza dos graçons da casa, principalmente do Deuzamay, que serviu nossa mesa. Lamentavelmente, registra-se a falta de delicadeza com que à saída um garçom (Francisco) interpelou alguns foliões por estarem de sunga e sem camisa. É por causa de profissionais mal-educados como este que muitas casas perdem sua clientela. Felizmente no The Club este caso é exceção, porque todos sabem, que de Cláudio (o dono), aos demais funcionários, todos têm a arte de receber sempre presente. Finalmente voltamos todos para casa depois de uma noite bastante agradável, respirando um delicioso perfume de "divina decadência" e exaaaaaaustos. (Dimitri Ribeiro).

Mulher, discurso minoritário e atuação revolucionária

TERRA

As meninas da brisa com suas longas caudas

CÉU

Os mancebos do ar saltam sobre a lua (*)

Feminino — lua. Que a lua sempre se renova, inquieta. Movimento, novidade, mudança. Mulher traçando uma linha constantemente diferente de si mesma. Num pequeno mover-se uma nova cena, caleidoscópio.

Feminino — questão, discussão. Como detectar o novo nesse turbilhão de filmes, programas, debates? As vozes oficiais da magistratura têm sempre o timbre dos arautos — e a nossa sede de cantos novos nos fez buscar o revolucionário. É ilusório o rompimento desses arautos com o discurso dominante, pois nascem num lítigio com ele e se definem a partir dele. Lançam mão dos recursos que esse discurso maior utiliza (o tribunal é um dos expedientes mais apreciados, o julgamento e a condenação das verdades do discurso majoritário e a substituição por novas verdades — essas tidas como incontentes). Configura-se uma luta, essas vozes querem se sobrepor às outras e assumir o comando. É o sonho da líder-militante-nata de milhões de mulheres arrebanhadas e dirigidas por uma mulher, ela, que brada por um microfone. Trata-se aí de um trono que se quer usurpar. E, para atingir esse fim, sua política está calcada em esquemas que as instâncias oficiais não desconhecem: fazer cabeças, despertar consciências.

É a prática da persuasão, sempre com um objetivo assistencial. É a crença absurda de que alguém (porque leu algum tipo de livro, ou domina alguns conceitos-poderosos, cabalísticos) pode apontar a alguma classe ou categoria aquilo que melhor lhe convém. São os pedagogos da consciência, que estão sempre se pronunciando acerca dos anunciados os mais simples, os quais é mais crucial deixa fluir, sem julgamento. Por exemplo, se uma mulher diz: "Eu sinto prazer" — isso é imediatamente registrado, avaliado e substituído por um comando. Primeiro ver-se-á se a mulher em geral pode sentir prazer; em seguida se esse tipo de mulher em questão pode sentir prazer; aí se prescreverá o tipo de prazer, a hora conveniente, o objeto adequado do prazer. E eis a única coisa que não passou — aquilo mesmo que foi dito pela boca dessa mulher — "eu sinto prazer". Aí é possível falar, por exemplo, que a mulher operária não se preocupa com sua sexualidade. Ora, é claro que esse último enunciado substitui perfeitamente o primeiro (que se cala). É o mínimo risível ver pessoas completamente estrangeiras no grupo operário, falar em nome dele. Já é hora de questionarmos o que significa esse falar por. Falar pelo louco, pelo presidiário, pelo operário, pela mulher. É o mesmo movimento que faz a luta da mulher subordinar-se à luta de classes, como se uma mudança na maneira de gerir os negócios de uma nação pudesse deflagrar, necessariamente, por um mecanismo automático, uma mudança, na maneira de tocar o corpo de uma mulher. Isso é despojar essa instância em que os corpos se movem e realizam um tipo de confronto (a chamada "intimidade' que nada tem de pessoal — mas é também política) de toda a sua positividade, é tirá-la da historia (gosto tecnicamente inviável) e colocá-la num outro lugar (transcedente? metafísico?). Isso eu chamaria ingênuo se não se apresentasse tão nocivo. É melhor chamar primário, de todo modo, uma visão equivocada. E esse tipo de subordinação (pela força) de todas as lutas à luta operária é também uma grande trapaça contra o operariado. É novamente tirar a qualidade específica de um grupo, ignorar seu funcionamento interno, sufocar aquilo que ele é capaz de dizer, pedir, exigir, desejar, enunciado por sua própria boca.

É o que se faz com a mulher. São os milhões de gestos femininos (de impaciência, de amor, de decisão, ou apelo) das mulheres motoristas, estudantes, donas de casa, operárias, mães — sendo sufocados e fadados a só aparecerem depois de drenados para o canal único de uma rígida militância e filtrados por um crivo que se quer livre de qualquer suspeita. É realmente um etnocentrismo partidário, mas específico e por isso mais insidioso, talvez menos discernível. Estamos diante de um solo infértil. Política incapaz de nos trazer o novo. Movimento que se delineia a partir de uma crítica que faz do discurso maior, e que quer, mesmo, tomar o poder. Nessa briga, nós os pequenos, não devemos nos meter. Ou esse centro vai incorporar (aí diríamos recuperar) essa outra oficialidade, ou ela vai vencer e instalar-se no trono. E os próprios interessados não têm nada a ver com tudo isso (as mulheres, os homossexuais, os negros, os trabalhadores).

É porque não se trata disso. A força revolucionária não existe nesse litígio. Não há nada de novo em simplesmente dizer não ao discurso dominante. Isso é a política de um discurso maior que, se deglutido por seu contendor, por ser bastante semelhante a ele, não vai-lhe causar nenhum distúrbio digestivo, e, por outro lado, não vai fazer nenhuma falta à luta dos grupos minoritários. A discussão da atuação minoritária não vai por aí, pela recuperação, mas pela produção mesma dos discursos. O discurso realmente revolucionário não pode ser fagocitado, comido e englobado porque acontece numa outra parte. Não se define a partir de um não ao centro controlador, mas "é produtivo, faz acontecimentos de uma qualidade diferente, define-se por sua positividade. E o que lhe confere essa potência de mudança, o que o faz o único espaço em que há a possibilidade do novo, é justamente sua capacidade de escapar constantemente, de não se configurar como desvio, acidentes nos caminhos oficiais, mas como uma fuga desses caminhos. E sua atuação é sempre uma estranheza, isto é, a voz que fala coisas novas incomoda, emperra, surpreende. Esse é o tipo de contundência que uma atuação minoritária tem — essa maneira de ser pontiagudo pela própria novidade — o ferimento produzido por essa estranheza é que é capaz de provocar mudança. O familiar só pode trazer tranqüilidade, nunca incitar o corpo ao movimento. São coisas que podem ser ouvidas enquanto se toma chope, de chinelo, numa poltrona. O facilmente audível não provoca nenhum sobressalto. Um discurso revolucionário constantemente se suicida; é o saber que o falamos ontem mesmo, talvez já tenha envelhecido; é o falar então outra coisa, utilizar talvez outra ferramenta.

Só o minoritário consegue isso porque não tem nenhum compromisso com a verdade nem com seus cultores (a coerência, o respeito aos dogmas, o amadurecimento nas propostas). Não traçou nenhum plano para tomar o poder; não quer se transformar em discurso maior, se deseja minoritário, quer conservar sua capacidade de fuga.

Consegue não estar nem no espaço negativo da crítica, nem na fraqueza da marginalidade, mas numa parte outra, ela mesma produtora de acontecimentos irregistráveis, que não passam pelas instâncias controladoras — essa sua geografia, isso sua força.

Em que o feminino pode aparecer nisso tudo? Como um certo tornar-se mulher pode ser um importante instrumento de luta? O que há no discurso feminino que seja realmente revolucionário? Se nos detivermos um pouco, veremos como grande parte do que se tem falado sobre mulher ou enquanto mulher tem reverberado num espaço fechado de ecos. Por exemplo, ou não se fala em sexualidade feminina, ou quando se fala ela já vem vinculada ao casamento ou ao homem, ou à fecundidade, ao filho. É a mulher-filha, a mulher-mãe, a mulher-esposa aparecendo inevitavelmente conectadas a um ser mulher, o uso de um instrumental antigo para falar de alguma coisa que pretende ser nova. Não que a mulher não deva ou não possa ser filha, mãe ou esposa, é a inevitabilidade que investe os atributos chamados femininos que é reacionária.

Talvez se trate de reivindicar uma plasticidade nessa maneira de compreender a mulher para que ela possa ser delicada e agressiva e incisiva e ávida e musa e doce e cruel e corajosa. Quando há a preocupação de marcar um ser peculiarmente feminino, o brasão usado é sempre o familiar (desde o souvenir d'enface ao trauma de nascimento). Ou então são os tristes projetos de diluir a categoria feminino e tornar-se homem (ser humano ou a ilusão do homogêneo). Ora, eu diria que não se trata disso. O feminino tem uma qualidade própria, um peculiar — ele acontece sutilmente, insinuando-se, ele mesmo se torna um segredo sem se ocultar. É um sussurro com o poder de um grito. Guarda uma complexibdade que não tem nada a ver com o intrincado, o problemático ou o complicado. É um atuar que se dá por nuances e por uma economia tal de gestos, palavras, movimentos que se consegue ser uma forma alternativa, minoritária de aturação no espaço político. Esse claro mistério não tem nada a ver com uma possível natureza da mulher. Ele marca um tornar-se mulher que existe agora, neste espaço, neste tempo, é o feminino acontecendo politicamente, é a sua objetivação histórica. Não tem nada a ver com as fantasias de uma sexualidade feminina perigosa cheia de meandros endisciplinada pelo espéculo do médico competente ou pela psicologia do profissional especializado.

Compreender esse mistério no momento mesmo em que ele funciona, ver essa sutileza, como uma força; usar essa condição revolucionária como uma ferramenta política para iludir o discurso dominante. Política da traição. (Janice Caiafa)

(*) F.G. Lorca

A Intrusa está entre dois homens

Carlos Hugo Christensen é um experiente cineasta, possui vários filmes rodados no Brasil e no exterior, e mais uma vez volta às telas com um trabalho de impacto: **A Intrusa.** Muito premiado, tanto no Brasil como no estrangeiro, seu trabalho sempre foi reconhecido como sendo um dos mais sérios dentro do cinema.

Desta vez ele usou como base para a sua dramaturgia, o que já foi feito em outros filmes seus, a obra do escritor argentino Jorge Luis Borges, um dos grandes escritores do século XX, segundo o crítico Otto Maria Carpeaux.

Outro nome importante na equipe de Christensen, que também é argentino, e que sem dúvida enriquecerá muito o clima do filme, é Astor Piazzolla responsável pela música. Ainda outros pontos positivos: diálogos de Orígenes Less e Ubirajara Raffo Constant e a participação de atores gaúchos pois o filme foi realizado em Uruguaiana, Rio Grande do Sul, onde o clima das situações tipicamente dos pampas terão maior autenticidade.

Num bate papo informal Carlos Hugo Christensen deu algumas informações exclusivas para o Lampião da Esquina, um dos primeiros contatos com a Imprensa sobre seu mais recente filme. (**Adão Acosta**)

— O que vem a ser esse seu novo trabalho?

— Em primeiro lugar considero que **A Intrusa** é o filme mais importante que eu fiz no Brasil. Realizei um velho sonho que foi filmar Jorge Luis Borges, esse grande escritor que me acompanha desde minha adolescência. É um desafio que poucos cineastas tentaram/ e ou aceitaram, e até hoje nenhum deles conseguiu vencer.

— Qual é o tema do filme?

— É uma história das mais terríveis que eu tenho lido. Partindo do versículo da Bíblia, Borges nos coloca frente à primeira tragédia do mundo misterioso do pampa. Dois irmãos, que no fim do século passado, na solidão da planura, dividem o amor de uma mesma mulher. Ela vem a ser a intrusa do filme, interferindo assim, involuntariamente, na profunda afeição que liga os dois irmãos. Isto faz com que o final seja terrível. É realmente uma violência moral incomum.

— Como é abordado o homossexualismo no filme?

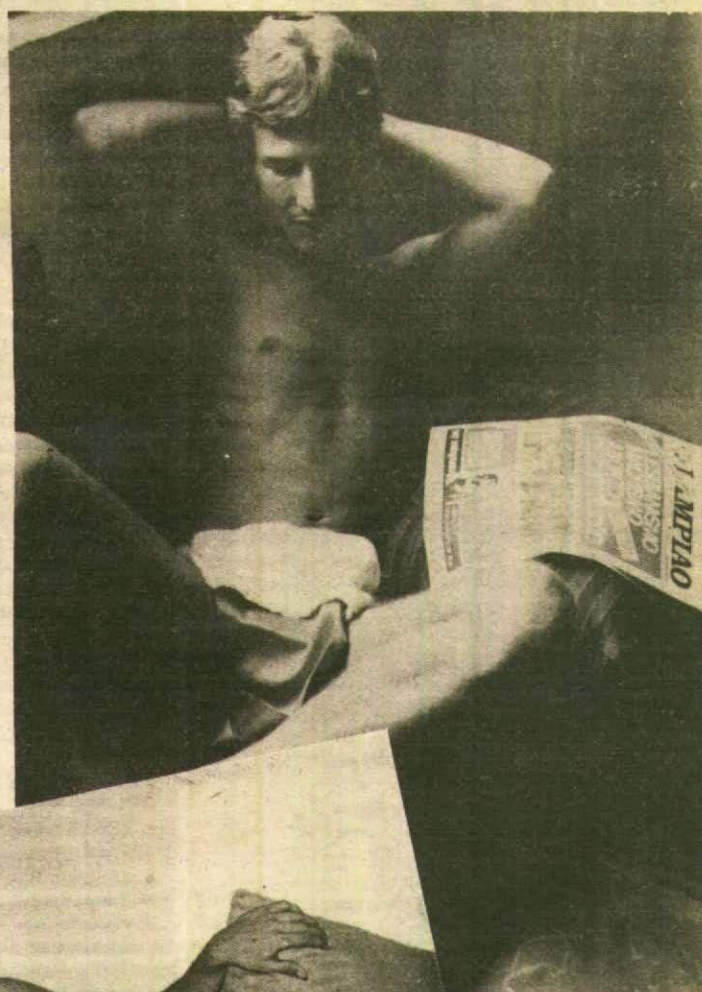
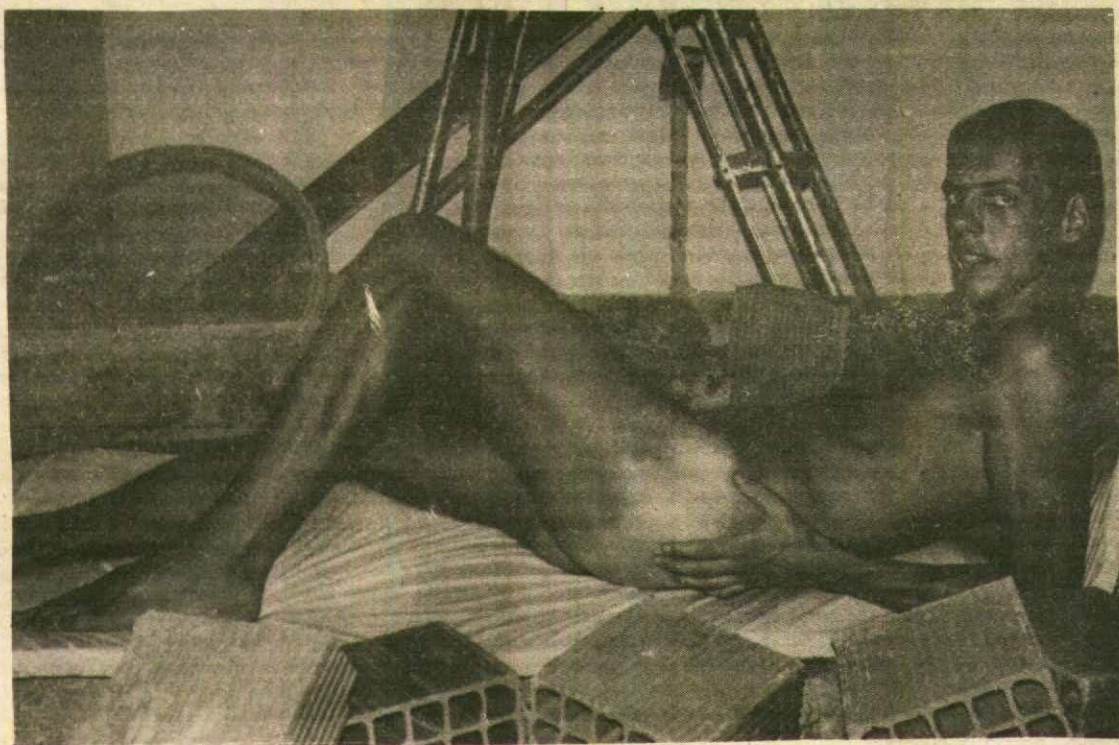
— Se existe um caso de homossexualismo ou não, isso vai depender do ponto de vista de cada espectador. A profunda amizade de David e Jonatas mencionada na citação bíblica, tem diversas conotações. No fundo a amizade não é menos misteriosa e estranha do que o amor.

— O filme foi convidado para ser visto pela comissão selecionadora do Festival de Cannes. Como você recebeu a notícia?

— Com uma imensa alegria, porque eu não esperava. Ela veio diretamente da França, através do próprio presidente do festival, Sr. Gilles Jacob, que enviou um convite. Agora resta aguardar a decisão desta comissão.

Os meninos do LAMPIÃO

Os modelitos do LAMPIÃO causaram tamanho impacto — o que chega de cartas pedindo "o endereço daquele moreno" "uma foto autografada daquele louro", não está no gibi —, que nós resolvemos publicar uma coleção delas, de uma só vez, para deleite dos nossos fiéis leitores. Aí estão os meninos especialmente escolhidos pelo nosso Cecil Beaton, o Dimitri Ribeiro, para enfeitar as páginas deste hebdomadário escrachado. Tranquem-se no quarto, meninos e meninas, e mãos à obra...

Fotos: Dimitri Ribeiro

O que é isso, companheiros?

O documento abaixo foi escrito por Herbert-Daniel de Carvalho, um dos exilados que restaram de fora da malha não muito fina da anistia, e que permanecem condenados a ficar longe do seu país. Ele deveria ter sido lido em Salvador, durante o Congresso pela Anistia realizado em fins do ano passado, mas acabou boicotado; o representante do CBA do Ceará, cujo nome nem merece ser citado, recusou-se a lê-lo porque, segundo ele, o signatário é "apenas uma bicha".

Não cremos que seja este o aspecto mais importante da vida pessoal de Herbert-Daniel de Carvalho; mas denunciamos, aqui, o fato de que ele não apenas deixou de ser anistiado pelo governo, como também ficou de fora da anistia apregoada pelos seus supostos companheiros: os "progressistas" do CBA não o perdoarão jamais por ser homossexual.

É por isso, que publicamos na íntegra, o documento que ele assinou; para que Herbert, há tanto tempo no exílio, não se sinta inteiramente órfão. Nós, homossexuais do LAMPIÃO, estamos solidários com ele, como estaríamos — atenção, pessoal do CBA — com qualquer heterossexual na mesma situação. (AS)

Paris, 26 de outubro de 1979. Meus amigos, não fui anistiado. Sou um dos poucos exilados que restam fora das margens que o governo quer impor entre anistiáveis e condenáveis. Não importa quantos somos, os marginais. Importa que estamos aí para definir o (mau) caráter das medidas que o governo chama de anistia. Ao estabelecer um limite, qualquer que seja, à Anistia, o Poder conserva um trunfo: quer provar que não cede, concede.

Impostante que existam os não-anistiados. Não por nós, que temos pouco significado, mas como exemplo e aviso às verdadeiras forças democráticas: continuam em vigor o exílio, a prisão política, o regime de exceção. Não é uma burra intransigência que afeta algumas pessoas, mas a tentativa de impor as regras duma "democracia parcial". Não se engana ninguém, a não ser a quem o engano recompensa, o que não é o caso dos que passam na Democracia como algo mais que as aparências hipócritas de um jogo onde quem sempre ganha é o juiz, que superior "às paixões políticas" nem entra na partida, mas decide a contenda.

É parte do plano, o fato de sermos muito poucos os bodes expiatórios. Ninguém vai fazer do caso de meia dúzia um deus-nos-acuda; pelo menos assim raciocinam os tecnocratas da ditadura com a sua bem conhecida mania de transformar política em aritimética. Porém, não se trata de contagem, está em questão a Democracia que não é só um pouco mais ou pouco menos de ditadura. Nunca foi decisiva a quantidade de exilados e presos, mas a existência mesma do exílio ou da cadeia. A Anistia não é só o problema pessoal de alguns renitentes: coloca um problema político de todos os brasileiros. Nunca se pediu perdão para alguns, exigimos liberdade para todos.

Por isto mesmo não escrevo como um dos "injustiçados", mas como um qualquer cidadão, que continuo sendo apesar da arbitrariedade que faz que o Consulado em Paris me recuse o passaporte, ou seja, me recuse o direito à cidadania; abuso característico de um regime policialesco onde o desrespeito aos direitos elementares é a forma de fazer executar a lei (ou o seu infrator, no caso extremo, não tão extremamente raro no Brasil).

Não é absolutamente o meu caso pessoal que interessa neste momento. Quem está em discussão não sou eu, mas a anistia do governo. Não pretendo absolutamente utilizar recursos jurídicos mais ou menos astuciosos para me beneficiar dos limites da anistia, pois não creio que seja o meu caso que tem que entrar na anistia, mas é a Anistia que tem que entrar em todos os casos dos que foram condenados pela ditadura. Não sou eu quem tem que tentar reduzir minhas penas, mas é a Anistia que deve se ampliar. Isto nada tem a ver com as interpretações de jurisprudência, mas com a evolução democrática do país.

Não continua somente a pequena novela do exílio de uns gatos pingades, mas a vasta história da opressão de todo um povo. Esta aí denuncio, ao falar do meu degredo. Escrevo para denunciar uma ditadura e não para começar a mover petições, processos e outros pauzinhos jurídicos para dar um jeitinho nesta anistia que quer fantasiar a restrição da liberdade. Não é com um jeitinho que se resolve a esculhambação da nossa vida política.

Aceitar fazer da Anistia uma mera questão jurídica é referendar a velha política da ditadura, que sempre tratou seus oponentes como criminosos. Minha participação política foi definida e tratada como crime __ e como "crime comum". Não me humilha, nem diminui ser tratado como "criminoso comum". Revolta-me, seguramente como são tratados no Brasil os "criminosos comuns". Por enquanto falamos duma anistia para os "crimes políticos". Um dia teremos uma democracia que nos permita discutir politicamente o crime comum. Estou por enquanto em companhia dos "comums". Muito bem. Até um certo motivo de orgulho. Gente melhor do que eu morreu dignamente entre ladrões e nem por isto deixou de ser menos Cristo.

No consulado me disseram: "No seu caso temos que esperar, por enquanto". Esperar, porém, não é esperança — que é a coisa mais ativa que a espera de quem nunca alcança. Esperança nós fazemos, sem esperar as decisões dos poderosos. Minha esperança na Democracia me impede absolutamente de esperar resolver a volta à minha terra segundo a generosidade da Ditadura. Não há nada que a ditadura tenha a me perdoar ou conceder. Ser anistiado não significa se arrepender diante da ditadura, mas permitir que ela reconheça alguns erros. Não somos nós, exilados e presos, que nos autocriticamos diante da ditadura, mas é um movimento popular democrático atual que obriga o governo a remendar alguns dos seus desmandos.

Nunca erramos por nos opor ao governo ditatorial __ e a anistia vem para provar que se houve abuso e crime não foi da parte dos opositores. Como, aliás, o exílio, a prisão, a terrível época que sofremos todos no Brasil vêm para provar enganos políticos nossos e para exigir autocrítica. Tenho por mim que por ter participado da oposição armada à ditadura, não há nenhuma explicação a dar à ditadura. Há uma autocrítica __ e feita na discussão com quem interessar possa: isto é, aos que lutam pela Democracia. Não me "arrependo", não tenho "culpas", e não acho que houve nada de condenável no que fiz. Quando digo autocrítica, quero me referir a um julgamento político bem preciso cuja moralidade decorre de princípios que nada têm a ver com a culpabilidade. Hoje em dia critico a minha participação na tentiva de sublevação armada por sua ineficácia política e não por qualquer razão falsamente moralizadora. A forma que escolhemos na época para combater nos conduziu a um fracasso cujas conseqüências são bastante mais graves do que o desastre do exílio e da prisão. Não há como fugir de assumir a responsabilidade duma ação política incorreta: não é pouca a responsabilidade que temos, todos os dessa geração que foi a minha, de não ter conseguido evitar estes sombrios anos de opressão e desespero. Se este fracasso nos marca e acompanha, nem por isto nos destrói ou aniquila a memória, patrimônio que não se pode perder.

Nada a esquecer, não podemos esquecer nada. pelo contrário, é preciso saber muito mais. Lembrar (e conhecer) o que foi esse tempo de silêncio e meias verdades ao som de hinos militares ou militarizados que cantavam o medo e a renúncia. A Anistia não vem para apagar fatos da nossa história recente: ela deve vir para avivar nossa memória, para fazer dessas recordações atualmente dispersas e pessoais uma observação viva na consciência coletiva da nossa gente. A Anistia não deve vir como o último ato de um erro político, mas o primeiro momento de uma renovação, onde a autocrítica não seja apenas uma declaração de intenções, mas a comemoração de avanços da Democracia.

Lembrar quer dizer renovar: a ditadura bem gostaria de fazer esquecer tudo, nenhuma conta a prestar. Acontece que "esquecer o passado" aqui quer dizer esconder o presente. Não é nenhum revanchismo querer apurar as responsabilidades, pois não se trata de "vingar" uma derrota __ o que se quer é consolidar uma vitória.

O exílio me ensinou algumas coisas. Inclusive a saudade, que não é fictício desejo de reviver fantasmas, mas uma certa nostalgia de um futuro que não foi, embora desejado. Não quero voltar em busca de ilusões perdidas, mas gostaria de ir para minha terra encontrar algumas esperanças.

Acho que de tudo o que eu disse fica claro quem são os amigos para quem escrevo esta carta. Vamos nos rever em breve, pessoal, já que nunca nos desencontramos. Por aqui faz muito frio mas tenho a vantagem de saber que estou aí com vocês no mesmo barco para o mesmo porto. O que é como o batuque: um privilégio. Até breve. (Herbert-Daniel de Carvalho)

FLAMENGUISTA, universitário, 21 anos, 1,75m, olhos e cabelos castanhos, deseja corresponder-se com jovens de certa bagagem cultural. Roberto Browne. Caixa Postal 1432, CEP 89100, Blumenau, Santa Catarina.

MORENO, desejo corresponder-me com gueis para fins de sincera amizade. Sou formado em contabilidade, 19 anos, 1,78. Adoro o belo e o feio, sou gamado na Bethania. Léo Smith. R. Floriano Peixoto 2700, Covanca. 24500, São Gonçalo, Rio de Janeiro.

ESTUDANTE, 18 anos, procura amigos gueis e bofes em geral com cuca fresca. Mais detalhes na troca de correspondência. Tony. Caixa Postal 5484, 01000, São Paulo, SP.

GARÇON, 22 anos, branco, gostaria de conhecer senhor acima de 50 anos que seja geui ou não, mas que tenha esperanças e ainda acredite no amor para começar tudo de novo. Sérgio. Rua Prudente de Morais 1780, CEP 15990. Matão, São Paulo.

DESEJO me corresponder com rapazes gueis do Sul do Brasil. Tenho 22 anos, 1,75m, olhos e cabelos castanhos claros. Maurício Perso. Caixa Postal 1141, CEP 84600, União da Vitória, Paraná.

TENHO 22 anos, 1,63m, e quero me

25, CEP 07500, Santa Isabel, São Paulo.

RAPAZ, 1,68m, 66 kg, 32 anos, deseja corresponder com rapazes discretos de todo o Brasil, para fins de amizade. Márcio de Castro. Caixa Postal 641, CEP 59000, Natal, RN.

MORENA, professora, 30 anos, 1,60m, 53 kg, procura moça que seja bonita ou simpática, inteligente, muito feminina, que goste de dar e receber ternura. Foto na primeira carta. Júlia. Caixa Postal 38.034, CEP 22451, Rio de Janeiro, RJ.

DISCRETO, boa formação, 24 anos, 1,75m, 73 kg, rapaz está à procura de pessoas para troca de idéias e informações. Não importa idade, sexo, cor ou religião, basta que queiram um amigo. Franklin Augusto Claudiano. Rua Isabel Maria Lobo, 25. CEP 07500, Santa Isabel, SP.

UNIVERSITÁRIO, moreno claro, barbudo, cabelos encaracolados, 24 anos, 1,75m, gostosão, quer se corresponder com pessoas gueis de todo o Brasil, para troca de idéias. Responde a todas as cartas. João Marcelo Tiago. Rua Isabel Maria Lobo, nº

se corresponder com entendidos de 25 a 40 anos, para troca de idéias e um bom relacionamento. T.C.S., Caixa Postal 12321, CEP 20000, Rio de Janeiro, RJ.

UNIVERSITÁRIO, moreno, olhos e cabelos castanhos, deseja se corresponder com jovens de ambos os sexos para troca de idéias e uma amizade sincera. Durval quer idade, discretos, pra conversar ou o que der e vier. Tenho 28 anos, branco, muito feio por fora, discretíssimo e muito só. Márcio B. de Souza. Caixa Postal 32817, CEP 21980, Rio de Janeiro, RJ.

LIBRIANO, 22 anos, cabelos e olhos castanhos, gostaria de transar pessoas de teatro, de preferência de São Paulo. Tenho vontade de mostrar meu trabalho de ator lá. A.X. Caixa Postal 10274, CEP 90000, Porto Alegre, RS.

MÚSICO amador gostaria de se corresponder com outros músicos amadores que tenham instrumentos e queiram formar um novo conjunto instrumental ou vocal. De preferência pessoas que gostem de música tropical - boleros, rumbas, etc. Sebastião L. Azevedo. Avenida Presidente Vargas, 3077, 14º andar. CEP 20210, Rio de Janeiro, RJ.

DISCRETO, inteligente, culto, meigo, desejo me relacionar com gueis do Rio e São Paulo, do mesmo nível. Sigilo absoluto. Cartas com fotos para Magal. Caixa Postal 1066, CEP 20100, Rio de Janeiro, RJ.

UNIVERSITÁRIO, 29 anos, 1,70m, 62 kg, cabelos e olhos castanhos. Desejo me corresponder com rapazes gueis de 18 a 45 anos, de todo o Brasil. Jovens, sensíveis, discretos, educados e inteligentes. José Carlos Schio. Rua João Neves da Fontoura, 110, apto. 403. CEP 93000, São Leopoldo, RS.

UNIVERSITÁRIA, bonita, 24 anos, mente totalmente arejada, quer correspon-Ramos da Silva Filho. Estrada Vicente de Carvalho, 441, fundos. CEP 21371, Rio de Janeiro, RJ.

JOVEM, 19 anos, 1,74m, estudante, gostaria de se corresponder com rapazes e moças, gueis ou heteros, de várias partes do país. Resposta imediata. Pedro de Alcântara. Rua Des. Virgílio de Sá Pereira, 363, Cordeiro, CEP 50000, Recife, Pernambuco.

PRECISO de amigos no Rio, de qualder-se com garotas bonitas até 28 anos, de outros Estados. Peço carta bem detalhada e desinibida. Devolverei com a minha. Caixa Postal 12055. CEP 22020. Rio de Janeiro, RJ.

Depilação: doce tortura?

Quem é leigo no assunto pensa logo que eletrólise é um suplício desnecessário. Que depilação elétrica, além de dolorosa, não passa de vaidade. Mas depois de um papo com Stella a gente logo logo muda de opinião. Muitos traumas e conflitos são dissipados através do tratamento, que proporciona, a quem necessita, mais segurança psicológica e bem-estar físico. A entrevista contou com a colaboração de clientes que, de bom-grado, se prestaram a dar depoimentos pessoais. (**Leila Míccolis**)

LAMPIÃO — **Stella, há quanto tempo você está nesta profissão?**

STELLA — Há dezessete anos. Eu comecei aqui no Rio na clínica do dr. Glyne Liete Rocha, um ótimo dermatologista, que inclusive estudou na Clínica Mayo, nos Estados Unidos. Com o tempo ele foi ficando famoso, não tinha mais tempo para este tipo de clientela, e eu me estabeleci por conta própria.

L — **Em que consiste o tratamento?**

S — Bem, primeiro nós passamos xilocaína em **spray**, que é a mais forte.

L — **Não há contra-indicação?**

S — Ao tratamento não, o que pode haver é a reação alérgica ao anestésico.

L — **E aí?**

S — Bom, no caso de alergia, nós dispensamos a xilocaína, mas aí graduamos o aparelho de acordo com a sensibilidade da pele. Em qualquer dos casos, após a aplicação, nós passamos uma pomada, que pode ser Kaladril ou Paraqueimol.

CLIENTE (FEM.) — Tem de se ver também a espessura do pêlo, não é?

S — A espessura e o tempo. Uma pessoa que tem barba muito cerrada e, em dias, quer fazer depilação total, é diferente daquela que dispõe de mais tempo e cujos pelos são menos espessos.

L — **E uma aplicação resolve?**

S — Bom, na primeira cauterização a pessoa já sente diferença. Mas como nosso método não consiste apenas em aplicações, mas num tratamento, depois de oito a dez dias a pessoa terá de fazer de novo, embora já haja mudança, porque o pelo nasce bem mais fino, até se transformar em penugem e se extinguir totalmente.

TABELA DE PREÇOS NO RIO:

Uma hora	—	Cr$ 400,00
Meia hora	—	Cr$ 220,00
15 minutos	—	Cr$ 160,00

L — **Explica um pouco do mecanismo do tratamento.**

S — Bem, todo o material daqui é americano. Então, além da parte elétrica, temos diversos tipos de agulhinhas, uma para cada grossura de cabelo e região a ser depilada: rosto, perna, virilha, etc. Elas penetram nos poros e vão queimando até matar as raízes capilares.

L — **E sobre os frequentadores do seu salão?**

S — Temos homens, mulheres de todas as classes e categorias sociais.

L — **As mulheres só vêm para depilar perna e virilha, não é?**

S — É o que mais dá, agora com os biquininhos, mas há mulheres com mais barba do que um homem. Qualquer dosagem hormonal um pouco acima da média, pode causar distúrbios e transtornos como buços, barbas...

DEPOIMENTO DE UMA BANCÁRIA:

"Eu era muito infeliz, minha vida parecia uma tragédia. Desde mocinha que começaram a aparecer pêlos no queixo. No começo eu botava água oxigenada e tentava arrancar com pinça, mas depois eles foram crescendo cada vez mais, até que ficou impossível: passei a raspá-los. Por ser de família pobre, tive logo de trabalhar e morria de vergonha dos comentários dos colegas. Do serviço ia direto pra casa, pois não tinha ânimo para sair, me divertir, muito menos pensar em namorar. Médicos não adiantaram, pois disseram que meu caso era hereditário (sou filha de portugueses) e não hormonal. E quanto mais eu tentava disfarçar, mais complexada ficava: deixava o cabelo crescer, punha lencinhos no pescoço, enfim, era uma obsessão esconder o meu "defeito", como eu chamava. Então soube da eletrólise, e durante muito tempo juntei dinheiro. Agora, finalmente, estou realizando meu desejo. E parece um sonho".

L — **Quanto tempo pode durar uma aplicação?**

S — Depende do quanto a pessoa agüente. Em geral as mulheres ficam duas horas, mas tem homem que chega a fazer dezesseis em poucos dias, uma média de 5 a 6 horas consecutivas. Mas como eu disse, nem sempre é por beleza. Tive um cliente que era padre e que ficava com a região do pescoço toda infeccionada, por causa do colarinho da batina. Ficou bom com o tratamento.

L — **Quer dizer que além da estética há também a saúde...**

CLIENTE (FEM.) — Eu atualmente estou fazendo depilação na perna, mas antes vim aqui me tratar de alguns pêlos que nasceram no meu queixo, devido a pílulas anticoncepcionais. Isto acontece muito porque elas mexem em nossos hormônios. A mesma coisa na menopausa, porque os hormônios deixam de atuar como deveriam.

S — Eu acho a eletrólise uma invenção maravilhosa. Tem gente que chega aqui complexada, arrasada mesmo. Tive uma cliente que foi hospitalizada pra fazer uma operação e o marido diariamente se levantava de madrugada, antes dos enfermeiros chegarem com a medicação para, com gilete, fazer a barba da mulher, que se sentia muito humilhada com isso.

DEPOIMENTO DE UMA FREIRA

"Eu tinha um problema muito grande de pelos no rosto, acho que por questões hormonais. Sou professora num colégio e como sou severa, as alunas muitas vezes se vingavam de mim, me botando apelidos ou jogando piadinhas: "esqueceu de fazer a barba hoje?" Eu me sentia muito diminuida com isso. Agora, meu problema já está acabando com o tratamento. Acho que ninguém precisa se sentir inferior a outra pessoa, quando tem meios de ser igual".

S — Como eu dizia, o pelo na mulher pode atrapalhar os problemas amorosos, profissionais e torná-las complexadas, superinibidas. Tem gente que chega aqui tímida e sai outra pessoa, mudando inclusive de humor e de temperamento. Às vezes o problema pode ser causado por uma doença supra-renal ou medicamentos à base de cortisona pra tratamento de reumatismo, por exemplo.

L — **Você pode citar o nome de alguém que tenha feito depilação aqui?**

S — Bom, nós tivemos cantoras, políticas, atrizes, cartomantes, e até esposas de prefeitos, mas não posso citar nomes...

L — **Nem unzinho?**

S — Tem gente que não se importa, como no caso da Santina (que apareceu no Sílvio Santos, aliás ele fez muita propaganda nossa em SP), e a Wilsa Carla; esta então tem dado muita força pra gente, depois que fez o tratamento.

L — **E os travestis?**

S — Ah, tem muitos rapazes. Deixe-me ver os que eu posso mencionar: teve a Rogéria, a Jacqueline Dubois, a Veruska, a Jane, a Maria Leopoldina, a Geórgia Bengston, e até a Ângela Léclery...

CLIENTE (FEM.) — A que se casou com a dançarina da banana do Planeta dos Homens?

S — Eu não sabia!!!

L — **E quem suporta mais a dor: eles ou elas?**

CLIENTE (FEM.) — Eu acho que os travestis, porque as mulheres têm mais resistência à dor, já pela sua própria natureza, né?, menstruação, parto são processos dolorosíssimos. Então o homem tem de fazer muito mais esforço para suportar o que ela agüenta e até superá-la, já que ele freqüentemente fica muito mais horas. A vaidade não é privilégio da mulher...

CLIENTE (MASC.) — Eu não diria que é vaidade, é que a mulher já é mulher e o travesti quer alcançar uma condição que não é a sua natural: a depilação é quase tão importante como desenvolver peitinhos. A mulher normalmente tem mesmo mais resistência à dor. Mas ele tem maior motivação, porque também é maior o desejo de uma mudança drástica na sua vida

DEPOIMENTO DE UM TRAVESTI:

"Eu tinha a barba muito cerrada, vivia passando cremes, como Nudit e até cera. Um horror! Mas todo o produto que não arranca a raiz, faz apenas cortar com gilete e então parecia que cada vez mais a danada engrossava em vez de enfraquecer. Eu jurei que, gastasse o que gastasse, eu havia de tirar essa sarna de cima de mim. Agora estou felicíssima. Fiz muitas aplicações, porque como já disse era muito cerrada, gastei rios de dinheiro, mas valeu a pena, porque, no final, saiu mais barato do que aqueles métodos medievais que pouco adiantavam. E depois, queridinha, foi um ótimo investimento, já tive mais lucro do que se jogasse na Bolsa... Fiquei até amiga de Stella, que por sinal é uma ótima pessoa, e sempre passo por aqui para dar um alô."

L — **Qual foi o caso mais interessante pra você, Stella?**

S — Bom, eu acho que foi o de uma cliente: ela se curou, ficou muito contente e indicou uma amiga que tinha uma barba cerradíssima, mas com quem ela não tinha muito jeito de falar sobre o assunto. Ela me deu o telefone e pediu que eu ligasse. Liguei, me apresentando, e dizendo que eu sabia que ela tinha este problema. Menina, pra que eu fui fazer isso... Ela me xingou tanto, disse para eu deixar a barba dela em paz, que era barbuda às suas custas, que ninguém se metesse... enfim, péssimo. Eu até chorei. Telefonei pra minha cliente e falei da reação da outra. Dias depois ela a trouxe aqui, me pediu desculpas, acabou fazendo o tratamento, e agora é uma das minhas melhores amigas...

Bom, se nesta história toda tiver lugar para uma moral, a conclusão é óbvia: não se precisa mais botar as "barbas de molho"... Quem quiser se livrar da sua, basta levar pra Stella...

* * * * * * * * * * * * * * * *

* * * * * * * * * * * * * * * *

LAMPIÕES E MARIAS BONITAS — Lampião precisa (maiores de idade) para modelos fotográficos. Enviar foto para Caixa Postal 41031, Santa Teresa, RJ., CEP 20241 a/c Dimitri Ribeiro, com os seguintes dados: nome, idade, altura, peso, endereço e telefone. Depois é só aguardar chamada.

ENSAIO

O travesti, este desconhecido

a função cria o órgão, ou na natureza nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma

Lembro-me destes sábios, porém óbvios conceitos aprendidos no colégio para exemplificar o surgimento, resultante de uma simbiose, de um novo ser da categoria humana: o travesti.

Quem é ou o que é, afinal, o travesti?

"Travesti, s.m. (gal.) disfarce no trajar; (por extensão) disfarce. "Pequeno Dicionário Bras. da Língua Portuguesa.

Um outro conceito remoto e bastante amplo de interpretação determina como travestido todo indivíduo que adote um traje e um comportamento com os quais se faz passar por uma determinada personagem assumida. Assim, não só é travestido aquele que adota trajes do sexo oposto como também, por exemplo, aquele que se vista de rei, lobo, general, etc., sem sê-lo. Isto no entanto bem pouco ou nada tem a ver com o sentido específico que adquiriram a palavra e o ser em questão nos nossos dias. Hoje, travesti ficou sendo aquele (ou aquela bem mais raramente) que use roupas do sexo oposto e que elabore o próprio corpo com atitudes, posturas, maquilagem, hormônios e cirurgias plásticas a fim de assemelhar-se ao sexo imitado — o que ironicamente, no caso atual de certos travestis masculinos, supera em feminilidade o modelo adotado.

Para os leigos, a compreensão da sexualidade humana tornou-se algo extremamente complicado porque os estereótipos acadêmicos foram superados e a subdivisão atual está bem mais diversificada. Não se pode dizer, por exemplo, que todo travesti seja um transexual. Pode existir a reincidência, mas quase sempre as cabeças funcionam diferentemente. O transexual masculino tem corpo com caracteres masculinos, órgãos sexuais masculinos completos (no hermafrodita, que é ainda outra categoria, os dois sexos são atrofiados, com predominância de um), porém comportamento mental feminino, o que provoca constante atrito entre a mente e o corpo antagônicos — um tormento que resulta na rejeição e na repulsa do próprio órgão sexual masculino.

Já o travesti (sempre naquele sentido modernoso que se lhe dá hoje), é um indivíduo dotado de boa dosagem (?) homossexual, digamos que seja daquele tipo de homossexualidade que mais se aproxima do feminino (a gama é imensa, como já foi dito) e que por razões diversas, mas principalmente para satisfazer o ego, tenta uma semelhança com o sexo oposto.

Mas então qual a diferença entre transexual e travesti? Cuca, principalmente cuca!... O travesti (sempre nos termos de hoje, não esquecer), sente como todos nós a necessidade de chamar a atenção sobre a sua pessoa, mas a sua conformação masculina, devido aos padrões estabelecidos, nem sempre é a mais favorável para tal fim e ele se ajusta ao outro padrão, transformando-se. Não conheço nenhum travesti que, quando travestido, seja tímido: nesse momento, como é óbvio, ele está imbuído dessa sua forma de realização senão não se travestiria. As implantações de seio, quadris ou pometes do rosto, em silicone, são a complementação gloriosa e plena dessa mística de beleza adotada como padrão.

O transexual (masculino) serve-se do travestismo por uma necessidade intrínseca porém circunstancial, porque a sua mente está determinando que ele é mulher, obviamente deve se vestir como uma delas. Na verdade ele está vestindo-se, não travestindo-se, porém tem contra a sua mente certos caracteres físicos masculinos que precisa esconder. Os poucos transexuais masculinos comprovados que conheço são tímidos e não se satisfazem apenas com o travestismo: todos anseiam por operações castradoras mas que, pelo menos exteriormente, lhes dê a aparência sexual feminina. Numa comparação rasteira, pode-se dizer que os transexuais almejam ser mulheres simples e caseiras, enquanto os travestis têm alma de vedetes ou de mulheres mundanas.

Certo que a timidez dos transexuais deve ou pode advir da insegurança de situações sexuais e civis ambíguas, mas este fator em si já comprova a diferença porque aos travestis o pênis não causa traumas ou impecilhos e a quase maioria considera um absurdo submeter-se a uma operação castradora que irá suprimir o prazer da ejaculação, substituido por um prazer dependente e apenas mental da posse pela introdução do pênis do macho na vagina simulada que foi fabricada com a pele do seu pênis. A própria irreversibilidade do processo é uma parada dura. Muitos também evitam os hormônios porque estes reduzem ou cancelam o prazer do coito, e consideram inclusive o fator (econômico) da ereção, uma vez que boa parte dos clientes dos travestis-prostitutos preferem ser sodomizados. Mas disto falarei mais adiante.

Chegamos então atualmente, com o travesti, a um ser humano que poderemos chamar de **novo** porque nunca antes adquiriu características semelhantes. Assexuado? Ao contrário: bissexuado. Ambíguo? Longe disso, porque possui caracteres bem definidos, só que fora dos padrões convencionais, do "deja vue". Um protótipo, isto sim, de uma época em que ambíguos e discutíveis são os conceitos de liberdade e permissividade.

Anatomicamente temos em mãos um ser humano que em tudo se aproxima (ou faz por aproximar-se) dos moldes consumistas dos concursos de beleza feminino e que, como não poderia deixar de ser pelo seu próprio critério e caráter, são padrões tradicionalmente machistas, isto é, da mulher que é selecionada anatomicamente para dar prazer ao homem. Os enxertos plásticos conseguem dar aos travestis resultados incríveis de simulação. Um corpo antes masculino ou levemente dúbio define-se para o feminino, com seios inflados de silicone líquido e que ficam do tamanho desejado (eles quase sempre os querem grandes); os quadris são igualmente injetados, evidenciando a cintura; os pelos e a barba eliminados com eletrólise etc., etc., e tudo complementado com longos cabelos coloridos, maquilagem e... muito charme, superior mesmo aos das mulheres comuns, algo que só encontra parâmetros nos antigos modelos hollywoodeanos.

A única diferença entre os travestis e as "stars" de cinema está no pênis e nos testículos (dos travestis), únicos resquícios masculinos exteriores que ainda lhes restam, mas que podem ser dissimulados entre as coxas com o auxílio de um adesivo (sendo que o melhor é emplastro Sabiá, que não fere a pele pelo uso constante). E é assim que um travesti aparece em público, muitas vezes despido quase que totalmente, em **shows** e bailes de carnaval, deixando que as dúvidas pairem mesmo entre aqueles garanhões que se gabam de conhecer mulheres.

Não tenho dúvidas quanto ao fato de a categoria vir a ser em breve analisado pelo "Museu do Homem" (sem ironia), entidade cultural francesa que se especializa em estudar o ser humano nas suas origens, classificando-o geográfica e etnologicamente. Porque o travesti, apesar das conotações que podem aparecer superficiais e imediatistas, já tem o seu lugar definido (apesar dos pesares para os donos da moral), na sociedade de consumo em que vivemos. Chamá-los apenas de "anormais", além do cômodo julgamento preconceitual, é escapismo da própria sociedade que deles faz uso, dando-lhes uma função utilitarista. Ora, é indiscutível que tudo o que não sirva para consumo no mundo de hoje é logo relegado ao rol das inutilidades. Tendo-se em conta como ponto de referência que numa cidade como São Paulo devem existir atualmente de cinco a oito mil travestis (o cálculo é meu, de orelhada, porque não existe nenhum recenseamento, nem na polícia), é evidente que, queira-se ou não, eles estão cumprindo uma função social exigida pelo meio; e são utilitários, mesmo praticando a prostituição, porque a oferta não subsiste sem a procura.

Seria muito cômodo considerar o fato apenas pelo seu lado sensorial, isto é pela solicitação do ego de cada indivíduo em questão, que assim estaria atravessando a porta semi-aberta da permissividade atual. Porém, atrás de toda essa aparente frescura, existe um fator social bastante sério: a exaustão do mercado de trabalho, principalmente para a mão-de-obra não-qualificada. O afluxo às grandes cidades à procura de melhores condições de vida atinge também os setores considerados subterrâneos: o homossexual pobre não resiste à pressão social, econômica e familiar nas cidades pequenas e, tal como o lavrador de quem o latifundiário usurpa a terra, emigra para os centros maiores. O homossexual de classe média tem mais defesas para resistir ao êxodo; o da classe baixa não.

Mas o que a cidade grande pode oferecer em princípio, a esse indivíduo, como meio de subsistência? Talvez remuneração pequena e esporádica por trabalhos isolados, biscates que podem ou não ocorrer diariamente, ou então, na melhor das hipóteses um emprego em funções domésticas em que ele será aceito com salário baixo porque os patrões e patroas usam o homossexualismo como um timbre fácil para a exploração alheia. Fora isto, resta-lhes o crime e a marginalidade generalizada, fator comum na máquina compressora da sociedade atual.

Ora, como atividade sexual dispensa carteira profissional assinada e não exige especialização (esta só vem depois, com o tempo), o homossexual desempregado, carente e muitas vezes esfomeado, recorre à prática sexual remunerada como forma única ou complementar de subsistência. Cara e corpo razoáveis ajudam, mas não se pode negar que mesmo para os menos dotados, sem especializações, sem organizações de classe, tabelamentos de preços, etc., cidades como São Paulo e Rio dão possibilidades no mercado de trabalho sexual. Mesmo para o não homossexual, que por necessidade aceite esse trabalho temporário, as cidades grandes não negam ajuda, basta fazer o "trottoir" nos locais convencionados e a freguesia aparece.

No quadro das classificações homossexuais, o rapaz de aparência máscula e que pratica o "trottoir" de rua è chamado de "michê" ou "bofe". Ele não precisa obrigatoriamente cumprir a função do ativo, o que de certo modo limita a sua atividade sexual. Por isso os mais experientes preferem a postura contrária a fim de se poupar, podendo realizar mais de um compromisso sexual por noite. Mas isto de certo modo restringe o campo de trabalho dos afeminados porque, via de regra, os clientes preferem sodomizar rapazes másculos. Para subsistir então, o efeminado tenta outra faixa de clientela para a qual é necessário fazer-se mais e mais feminino. E assim, paulatinamente, ele chega ao travestismo. É lógico que com isto ele também satisfaz o seu ego, dando vazão às solicitações femininas da sua personalidade, mas é errado pensar que o travestismo conduza à prostituição: são as exigências do mercado da prostituição que geram o travestismo.

Dificilmente se pode falar sobre travestismo, em termos da sociedade de hoje, que não seja ligando-o diretamente à prostituição, porque o fato é antes de mais nada econômico. Contam-se nos dedos as exceções, isto é, aqueles que atuam em **shows**, ou são maquiladores ou cabeleireiros, e que também adotaram o travestismo como forma de realização pessoal. Sendo o travesti-prostituto um sucedâneo da mulher prostituta, ele pode realizar como passivo muitas atuações numa noite, assim como elas, apenas simulando o prazer. Mas existem os casos, que são até comuns (e dizem os travestis que cada vez mais freqüentes), de clientes que os procuram exclusivamente para serem sodomizados. É um complicado jogo de consciência disputado com o complexo de machice em que subsiste a argumentação de estarem sendo possuídos por uma mulher...

Como o travestismo, ou mais especificamente, a prostituição praticada por travestis, é uma nova opção do prazer masculino da sociedade consumista e permissiva atual, estranhamente ele se criou e desenvolve-se por e para uma sociedade de raízes profundamente patriarcais e machistas. Nosso avós, que ficaram ricos na exploração do café em São Paulo, da borracha na Amazonas, da cana-de-açúcar no Estado do Rio e em Pernambuco, importaram amantes francesas (que era sinal de **status** e a elas cabia praticar todas as libidinagens que eram vetadas às esposas virtuosas, cuja função era ficar em casa procriando.

As mulheres contestadoras de hoje negam-se a continuar sendo apenas procriadoras ou objetos sexuais dos homens. Esta segunda função (já que

ENSAIO

a primeira lhes é impossível), está sendo encampada, sem restrições pelos travestis. Os praticantes sexuais acadêmicos poderão contestar que nada substitui a vagina num relacionamento sexual; porém, sem que eu tenha qualquer argumentação contra as mulheres, ao contrário, está provado que em matéria de prazer o homem heterossexual brasileiro, é tão obsecado por traseiros como é o norte-americano por seios volumosos. O hetero brasileiro pode não ter coragem de confessar, mas o depoimento das mulheres, constantemente assediadas nesse sentido, poderá contestá-los. A confirmação visual do fato está nas nossas revistas eróticas e nas que não se consideram como tal, mas em cujas fotos de carnaval só se vêem traseiros e mais traseiros. Tal é a exuberância deles que chega-se a pensar ufanisticamente num novo "milagre brasileiro".

E agora sejamos honestos: condicionamentos e preconceitos à parte, mesmo para um machão (mas que não seja muito convicto em tradicionalismos) qual a diferença entre um ânus feminino e um masculino? **(Darcy Penteado)**

No próximo número publicaremos novas considerações do autor sobre o assunto.

Biblioteca Universal Guei

Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os

COBRA

Severo Sarduy

142 páginas, Cr$ 160,00

A história de Cobra, um travesti do caberé Carrossel, contada pelo escritor cubano Severo Sarduy, do seu exílio em Paris. Prêmio Medicis (melhor romance estrangeiro publicado na França) em 1972. Tradução de Gerardo de Mello Mourão.

TESSA, A GATA

Cassandra Rios

122 páginas, Cr$ 140,00

Uma história de crime, mistério, suspense e amor, mas o amor segundo a versão Cassandra Rios. Um romance de suspense, que alterna passagens líricas com um realismo cruel, e que prende o leitor da primeira à última página.

MACÁRIA

Cassandra Rios

200 páginas, Cr$ 200,00

Um novo caminho na obra de Cassandra Rios: misticismo, macumba e suspense, aliados aos ingredientes habituais: sua maneira muito especial de tratar o sexo, seu lirismo. A autora compõe, aqui, mais um retrato inesquecível de mulher.

TERAPIA OCUPACIONAL (MINHAS EXPERIÊNCIAS)

Otacília Josefa de Melo

99 páginas, Cr$ 100,00

Vivências de uma mulher que desde os 13 anos de idade dedicou-se às crianças excepcionais e doentes mentais, descobrindo, através de sua profissão um mundo maravilhoso de sensibilidade e criação.

SEXO & PODER
Vários autores
218 páginas, Cr$ 150,00
Jean-Claude Bernardet, Aguinaldo Silva, Maria Rita Kehl, Guido Mantega, Flávio Aguiar e muitos outros discutem as relações entre sexo e poder. Dois debates: um sobre homossexualidade e repressão, com o pessoal do grupo Somos, de São Paulo.

TEOREMAMBO
Darcy Penteado
108 páginas, Cr$ 120,00
Um Papai Noel muito louco, uma bichinha sorveteira, uma fada madrinha desligada, a história do bofe a prazo fixo: muito humor e **non sense** no novo livro do autor de **A Meta e Crescilda e Espartanos.**
Ilustrações do autor.

A META
Darcy Penteado
99 páginas, Cr$ 120,00
"Darcy Penteado ilumina detalhes do gueto que a maioria gostaria que o homossexual fosse circunscrito" (Léo Gilson Ribeiro). O livro de estréia de um escritor que é também um ativista em favor dos grupos estigmatizados.

CRESCILDA E ESPARTANOS
Darcy Penteado
189 páginas como este, que fala tudo aberta e desafiantemente, possui a dignidade bem mais culturalmente verdadeira de resistir aos bárbaros preconceitos" (Paulo Hecker Filho). Duas novelas e cinco contos, do total **non sense** ao realismo poético.

NO PAÍS DAS SOMBRAS
Aguinaldo Silva
97 páginas, Cr$ 120,00
Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial; envolvidos numa conspiração forjada, acabam na forca. A história, recontada a partir de 1968, faz um levantamento de quatro séculos de repressão.

REPÚBLICA DOS ASSASSINOS
Aguinaldo Silva
157 páginas, Cr$ 150
Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!) A incrível história de um dos períodos mais conturbados da vida brasileira, de 1969 a 1975, tendo como pano de fundo os cenários do submundo carioca.

PRIMEIRA CARTA AOS ANDRÓGINOS
Aguinaldo Silva
134 páginas, Cr$ 120,00
"A única maneira de obter a igualdade e o progresso nos relacionamentos humanos e amorosos consiste na expressão franca da natureza bissexual de todo homem e mulher".

MULHERES DA VIDA
Vários autores
77 páginas, Cr$ 100,00
Norma Bengell, Leila Miccolis, Isabel Câmara, Socorro Trindad e outras mulheres quentíssimas mostram neste livro a nova poesia das mulheres que não se conformam com a opressão machista e tentam inventar sua própria linguagem. A poesia feita nos bares, calçadas, ônibus, boates, prisões, manicômios e bordéis.

O CRIME ANTES DA FESTA
Aguinaldo Silva
136 páginas, Cr$ 100,00
Através da história de Ângela Diniz e seus amigos, que ele trata como se fosse ficção, o autor interpreta e esclarece todas as conotações de um instante dramático de nossa alta sociedade. Um libelo contra o machismo e a opressão.

TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADO A DAVI.
João Silvério Trevisan
139 páginas. Cr$ 120,00
Uma viagem do autor em busca de si mesmo. Anos de estrada, de solidão e fome sumidos num livro escrito com suor e sangue: nestes contos, a história de uma geração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública.

QUEDA DE BRAÇO
Vários autores
302 páginas, Cr$ 150,00
Uma antologia do conto marginal, reunindo os autores que os editores têm medo de publicar: Gente finíssima, Benício Medeiros, Fernando Tatagiba, Glauco Mattoso, Júlio César Monteiro Martins, Nilto Maciel, Luiz Fernando Emediato, Paulo Augusto e Reinoldo Atem, entre outros.

OS SOLTEIRÕES
Gasparino Damata
213 páginas, Cr$ 140,00
Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo. Escrito sem meias palavras, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde autor os encontrou.

A TRAGÉDIA DA MINHA VIDA
Oscar Wilde
194 páginas, Cr$ 85,00
O famoso depoimento de Oscar Wilde sobre a sua vida na prisão, onde cumpriu dois anos de pena, condenado pela justiça inglesa pelo crime de HOMOSSEXUALISMO. Um livro em que Wilde acusa e se defende, envolto pela solidão das prisões e marcado pelo sofrimento.

SHIRLEY
Leopoldo Serran
95 páginas, 110,00
A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão. Wadir/Shirley é um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel ao seu desejo. Dois seres humanos, coisificados pela opressão, brigam pela vida.

EXTRA/LAMPIÃO
Entrevistas
24 páginas, Cr$ 40,00
As mais explosivas entrevistas sobre política sexual já feitas no Brasil: Fernando Gabeira, Ney Matogrosso, Lecy Brandão e Clodovil falam de sexo e política; Abdias Nascimento fala de racismo, discriminação e ativismo negro; Anselmo Vasconcelos conta como criou a "Eloína" do filme "República dos Assassinos"; Antônio Calmon explica o seu cinema sado masoquista-entendido, e Darlene Glória fala de Deus e do diabo.

Escolha os que você quer ler e faça o seu pedido pelo reembolso postal à Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. — Caixa Postal 41031, CEP.: 20400, Rio de Janeiro — RJ.

Se você pedir mais de três livros receberá como brinde, inteiramente grátis, um exemplar de EXTRA/LAMPIÃO nº 1.

The Buenos Aires Affair

Roteiro guei de uma cidade em pânico

"Corrientes, tres, quatro, ocho, segundo piso, ascensor...". Ah, os bons tempos! Mas é ao som, agora macabro, dos velhos tangos machista — e não das sofisticadas cadências de Piazzola — que as bichas argentinas, uma a uma, estão dançando nas mãos de um dos regimes mais cruéis e repressores do mundo. No número passado Lampião já publicou uma matéria de uma das vítimas dessa repressão, não assinada, naturalmente, para evitar que a pesada mão da polícia argentina se abata outra vez sobre a apavorada bichinha, escondida em algum subúrbio de Buenos Aires. E Lampião faz questão de dar o maior destaque possível a essas denúncias, cada vez mais freqüentes e assustadoras. Agora mesmo, por exemplo, chegam-nos notícias de lá sobre o misterioso desaparecimento de cerca de 30 homossexuais confessos que, de um dia para outro, não foram mais vistos em seus pontos de reunião habituais. O que terá acontecido? Talvez só a polícia portenha tenha resposta para essa pergunta.

Nós acreditamos que o processo de destruição dos homossexuais argentinos é um caso flagrante de atentado aos direitos humanos, e por isso pedimos daqui que a Anistia Internacional inicie uma nova investigação do assunto e comunique os resultados às Nações Unidas. A Anistia é de fato a organização mais indicada para fazer isso já que, desde o ano passado, ela passou a considerar todo o homossexual preso por sua opção sexual como um prisioneiro de consciência, ou prisioneiro político.

É preciso denunciar, portanto, e nós damos continuidade à nossa campanha passando aos leitores a experiência de um mês do jornalista alemão Anton Leicht em Buenos Aires. Nestas matérias que ele escreveu com exclusividade para Lampião fica bem claro tudo o que há de horrível na situação dos nossos irmãos portenhos. Nós choramos por ti, Argentina. (**Francisco Bittencourt**)

PÔ! É ASSIM QUE VOCÊS QUEREM DEMOCRATIZAR A RELAÇÃO COM AS PROSTITUTAS?

UNE

Levi

1
A recepção na fronteira

Ao chegar na fronteira do Brasil com a Argentina eu estava vestido da melhor maneira possível: camisa branca, gravata escura, calças bem passadas e os cabelos bem cortados. Com uma expressão bem séria no rosto, eu queria evitar qualquer risco de não ser aceito pelas autoridades argentinas na alfândega de Foz do Iguaçu. Amigos argentinos tinham me aconselhado a escolher essas roupas típicas de seus compatriotas. Dessa forma, os fiscais alfandegários não poderiam me confundir com os guerrilheiros que — segundo a propaganda do governo — se preparavam para voltar ao país.

A revista foi feita de maneira normal: minha mala foi examinada, com atenção não maior à dada a bagagem dos outros passageiros. Com alívio, meu companheiro de viagem, um fotógrafo argentino, e eu, pedimos um táxi. Ele estava parando na nossa frente quando um soldado, armado de metralhadora, começou a fazer sinais nos chamando. Que poderia ele estar querendo de nós?

De repente, dois jovems militares, de não mais de 26 anos, apareceram e pediram que os seguíssemos até uma sala que se achava do outro lado do prédio da alfândega. Tivemos de abrir nossas malas e colocar tudo o que elas continham em cima de uma grande mesa. Foi tudo minuciosamente examinado, inclusive os 300 slides em cor do meu fotógrafo, feitos nos Estados Unidos e no México. Com meu companheiro a revista foi infrutífera: ele não tinha material subversivo, somente um livro do escritor cubano Alejo Carpentier fez com que os militares lhe perguntassem se ele sabia que se tratava de um escritor "vermelho". E os dois não ficaram tranqüilos com a resposta que o autor não estava proibido na Argentina.

Eu, ao contrário, tive problemas sérios com os meus guardas. Eles descobriram entre as minhas coisas dois volumes do livro do ex-guerrilheiro brasileiro Fernando Gabeira, uma cassette com uma entrevista de Gabeira e vários números da revista gay alemã "Him".

"Para quem você quer passar os livros do Gabeira na Argentina?", perguntou-me o menos simpático dos dois soldados. "Eles serviram como base para a minha entrevista. Não tenho a menor intenção de distribuir material subversivo na Argentina", expliquei. Os dois nunca tinham ouvido falar de Gabeira cinco minutos antes, mas a palavra "guerrilheiro" na apresentação dos volumes foi o que bastou para eu passar a ser considerado suspeito. A ignorância dos dois parecia sem limite: tive de traduzir um trecho da revista "Him". Basta um olhar rápido para que a gente se dê conta de que tal publicação não pode interessar os militares. Ou talvez, quem sabe, por causa das fotos? Aquilo tudo me parecia absurdo.

Os dois militares tinham acabado de remexer nas nossas coisas quando um segundo grupo os substituiu. O interrogatório recomeçou. Desta vez, um dos inquisidores parecia de um posto mais alto, talvez suboficial. Nos separaram. Meu companheiro teve de dar explicações dentro da peça enquanto eu esperava do lado de fora. Passados 15 minutos fui chamado. Me esperava uma série de perguntas: onde é que você vai na Argentina, que vai fazer, quanto tempo pretende ficar, etc.

Respondi corretamente, sem cair em qualquer provocação. Apenas uma pergunta me inquietou: "Seu colega nos disse que você é homossexual. É verdade?" Totalmente surpreendido eu não sabia o que responder. Estariam blefando ou meu amigo tinha falado da minha homossexualidade? Finalmente soltei esta: "Essa é uma pergunta de caráter pessoal que me recuso a responder." A pergunta foi repetida, mas desta vez reformulada: "Sabe como é, ser homossexual não é crime na Argentina. Você não tem nada a temer." De qualquer forma, minha resposta foi a mesma.

Quando finalmente tive oportunidade de pedir.. ao meu fotógrafo explicações sobre a ocorrência, ele disse: "Sim, disse que você era gay para evitar problemas comigo". Talvez ele tenha tido razão, porque eu nada podia temer além de uma ordem de expulsão do país. Os militares tinham me tratado mais ou menos corretamente, mas com seu compatriota as coisas tinham se passado de maneira bem diferente: "Qual de vocês dois é o puto?", quiseram saber dele.

Já fazia uma hora e meia que estávamos ali e o interrogatório parecia longe do fim. Não tínhamos mais tempo para refletir sobre as renovadas ciladas que nos íam sendo preparadas. Mas, de repente, surgiu uma viatura militar não sei de onde. Mandaram que embarcássemos e fomos levados para uma delegacia da polícia marítima escondida no meio da floresta, a cinco ou seis quilômetros da alfândega. Lá, recomeçou tudo de novo, só que com maiores requintes de maldade.

As mesmas perguntas sucederam, com nossos interlocutores recebendo as mesmas respostas. A cada novo interrogatório os militares pareciam de um posto mais alto. Já tínhamos provavelmente na nossa frente o chefe de delegacia. A coisa continuou por mais uma hora e meia, com nova revista das nossas roupas e livros. E de novo as perguntas relativas a Gabeira, a "Him", a finalidade de minha viagem.

Após o interrogatório (e provavelmente por causa dele) senti necessidade urgente de ir à toalete. Me proibiram, uma, duas vezes. Somente na terceira vez me levaram a uma peça com um buraco no chão. Quis fechar a porta mas o guarda meteu o pé e não deixou fazê-lo. Pela primeira vez na minha vida tive de defecar sob a vigilância de alguém uniformizado, postado a menos de três metros de mim.

A "operação" tinha durado três horas. "Arrumem as coisas de vocês e desapareçam o mais rapidamente possível daqui", nos gritou um jovem soldado de longe. Jogamos tudo dentro das malas sem pestanejar, mas ainda tivemos tempo de notar que os números de "Him" e os livros de Gabeira tinham desaparecido. O nosso protesto resultou parcialmente útil: devolveram os livros, mas as revistas já tinham encontrado novos donos: os soldados da recepção estudavam com o maior cuidado as fotos. Partimos. Sem qualquer explicação, sem qualquer pedido de desculpa.

Mas eu já tinha a minha impressão da Argentina. (Anton Leicht)

2
Pegue antes de cair morta

A intimidação dos gueis argentinos atingiu agora um nível que parece ter chegado ao limite da esquizofrenia. Se você quer fazer pegação numa rua do centro de Buenos Aires, tem de tomar medidas excepcionais para iniciar a aproximação. Se você vê um rapaz simpático que passeia na Calle Corrientes ou Flórida, e ele passa e olha para você, é muito importante não segui-lo diretamente. A melhor coisa a fazer é continuar na mesma direção, como se nada tivesse acontecido. Pare somente na próxima esquina e finja enorme interesse pelo que está exposto nas vitrinas da loja à sua frente.

A seguir, lance um olhar disfarçado em volta,

à direita e à esquerda, tentando descobrir eventuais policiais, muito numerosos nas ruas mais animadas do centro. Se não conseguiu descobrir traços da polícia, lance finalmente seu olhar na direção em que seguiu o rapaz. Por uma grande sorte, no melhor dos casos, os olhares de vocês dois se cruzarão. Continue então seu caminho, esperando que o outro siga você. O importante é manter sempre uma boa distância do outro. A partir desse momento o preferível é abandonar as grandes avenidas. Nas ruas mais tranqüilas começa tudo de novo: o primeiro pára diante de uma loja, olha as vitrinas, examina as redondezas em busca de policiais e, se o outro ainda não cansou e continua na caça, você dá mais uns passos. É o jogo da bichinha peripatética. Anda-se, anda-se até não agüentar mais. A essa altura, os dois podem estar se fazendo a mesma pergunta: e se o outro for um policial disfarçado?

Hesita-se sempre em tomar uma decisão, de falar diretamente com alguém que te segue. Já se passaram dez, 15 minutos e continuamos a caminhar. Graças à coragem de um dos dois, a distância diminui um pouco. Finalmente um pára corajosamente diante de uma vitrina... e pergunta a hora. Se o ouro responder, o contato está feito.

E onde é que você pensa que vai levar o rapaz depois de todo esse jogo de esconde-esconde? Os jovens moram, normalmente, com seus pais e não existem estalagens para "cavalheiros". Mesmo dentro de seu próprio quarto não se pode ter certeza de nada.

"Hoje em dia você tem de manter bom relacionamento com o porteiro se não quer correr o risco de ser denunciado no dia em que lhe der na telha", me explicou um antigo membro da Frente de Liberação Homossexual. Durante a entrevista ele estava tão nervoso e inquieto que foi três ou quatro vezes até o corredor para ver se não havia ninguém espionando o nosso encontro. Seu companheiro, também um ex-militante da Frente, tem ainda mais medo. "Mesmo no supermercado da esquina é preciso ter cuidado. Dois rapazes fazendo compras juntos podem despertar a atenção do guarda ou da caixa", me disse ele. Para quem não mora na Argentina, tal histeria só pode surpreender. Mas ela existe. É preciso falar com os gueis para ficar convencido. Como me explicava um sociólogo de Buenos Aires: "A Argentina é, com exceção de Cuba, o único país do mundo onde a repressão contra os homossexuais está tão sistematicamente, organizada."

Uma noite, após um encontro com diversos gueis, tive de tomar um táxi sozinho, embora o caminho de volta fosse comum a todos. A razão: eu tinha comigo o documento publicado no número de janeiro de "Lampião" que fala da repressão contra os homossexuais na Argentina. Para todos eles era muito grande o perigo de prisão. Da mesma forma, ninguém ousou fazer uma fotocópia do artigo. Se o homem do xerox resolvesse denunciar o proprietário daquela folha... (Anton Leicht)

3 Quem pode dá o fora

Apesar de toda a repressão contra os gueis argentinos, pode-se encontrar muitos deles nas noites de sexta-feiras e sábados em Corrientes ou Santa Fé, as duas ruas principais do centro de Buenos Aires. Não são poucos os gays que abandonaram o país para escapar a um terrorismo de estado que ninguém consegue suportar por muito tempo, mesmo que não tenha sido diretamente atingido pelas atrocidades dos militares. Mas, apesar de tudo, sempre há gueis que passeiam pelas ruas da capital argentina e mesmo diante dos olhos da polícia. Isso é bastante normal: uma cidade com 8 milhões de habitantes sempre tem uma quantidade enorme de homossexuais e a repressão não consegue apagar todos os traços dessa minoria.

"O que você vê aqui, ao longo destas grandes avenidas, representa talvez 10 por cento de toda a atividade guei que eu acompanhei há 5 ou 10 anos", me dizia um amigo com quem eu passava pelos "pontos quentes" de Buenos Aires.

São ainda muitos os gueis que pegam, desafiando todos os arrochos e intimidações da polícia portenha. Sobretudo os mais jovens parecem ter mais coragem para sair à rua. Um jornalista de 20 anos que eu encontrei uma manhã no metrô, chegou quase ao ponto de negar a existência de uma repressão. "No meu caso, sempre tenho necessidade de muitos bofes, e nunca tive problemas para encontrá-los." Mas como? "Claro, deve-se ter cuidado, mas nem por isso deixo de conseguir tudo o que quero. Agora a gente conhece um pouco melhor a polícia. O olhar de um policial civil não tem nada a ver com o de alguém que está fazendo pegação. Normalmente não é muito difícil distinguir um **maricón** de um tira", explicou ele.

"Mas você nunca teve problemas durante as batidas?", quis saber. E ele: "Nas batidas eles pedem a identidade. Isso é normal. Eu sempre mostro com muita calma meus documentos, minha carteira de jornalista, etc. Até agora não tive problemas."

Todos os bares, discotecas e saunas gays da capital foram fechados. Ninguém ousaria freqüentar tais lugares nas condições atuais. No entanto, o que mais me abismou foram os lugares de encontro dos gays de Buenos Aires, em pleno centro, em alguns restaurantes. Nesses lugares se passam coisas incríveis. Os gays que os freqüentam de tempos em tempos criaram um sistema de autodefesa: há alguns entre eles que servem espontaneamente de olheiros nas estradas para que os outros não sejam surpreendidos.

Em muitas conversas com jovens gays constatei a influência não negligenciável da propaganda oficial. Para começar, aqueles entre 18 e 22 anos só conhecem a situação de quatro anos para cá. Para eles, que nunca passaram pela experiência de uma vida gay, dentro de um regime liberal, o estado atual é uma coisa praticamente normal. Para eles, que cresceram dentro de um sistema fascista, que os privou muito freqüentemente do direito da crítica, embora não se sintam muito à vontade aceitam mais facilmente as condições de vida tais como são hoje sob o regime militar. Da mesma forma, sentem-se mais adaptados às restrições que os gays têm de suportar, sendo ao mesmo tempo mais corajosos do que os homossexuais de trinta anos. Estes, sobretudo, se resignam mais seguidamente.

Falei com muitos deles. Eles não têm a coragem de freqüentar os pontos de pegação. "Já estou acostumado a esse longo sono de inverno. Não saio mais e morro de tédio", confessou um professor universitário.

Os que têm algum dinheiro passam algumas semanas por ano no estrangeiro. Me lembro particularmente de um arquiteto de 32 ou 34 anos. Encontrei-o no momento em que voltava de duas semanas de férias de Nova York. "Uma vez por ano", ele me disse, "tenho de descarregar, e Nova York é o lugar para isso." Perguntei-lhe se nunca pensara em sair de vez da Argentina. (A maioria dos jovens com quem falei manifestou esse desejo.) "Pensei nisso há algum tempo. Queria morar nos Estados Unidos, mas depois resolvi que não. Em nenhum outro lugar do mundo se pode ganhar dinheiro mais facilmente do que aqui. "E o arquiteto, muito simpático, continuou:

"Se você for escrever uma reportagem sobre o meu país, não esqueça de informar sobre o caos que nos deixaram os peronistas. A economia, sob Peron, ficou uma ruína total, as pessoas não trabalhavam mais, os montoneros faziam o que queriam, os militares não tinham outra escolha." Continuamos conversando, sobre o caos peronista, mas também de democracia e de direitos humanos. Antes de nos separarmos o arquiteto me disse: "Se vocês, no estrangeiro, escreverem que há campos de concentração no meu país, vocês se enganam."

Não vi mais sentido em discutir com ele, e nem de telefonar-lhe no dia seguinte, como tínhamos combinado. E, no entanto, nos encontramos outra vez. No Rio, na Galeria Alaska. "Por que você não me telefonou?", perguntou, seguindo seu caminho sem parar. (Anton Leicht)

4 A copa do Mundo e suas Conseqüências

Durante minha permanência em Buenos Aires encontrei, diversas vezes, argentinos que se identificavam com a política do regime militar do General Videla. Claro, eu sabia que iria encontrar entusiastas do regime, já que a política econômica do ministro Martinez de Hoz está ajudando a grande burguesia ligada ao capital estrangeiro. No entanto, para minha grande surpresa, muita gente da classe média começou a tomar gosto nos militares fascistas.

Não foi sempre assim. Até o campeonato mundial de futebol de 1978, a população em geral era mais ou menos hostil a Videla & Company. Muita gente com quem conversei me falou disso, entre eles um professor de sociologia bastante conhecido, que sobrevive atualmente dando aulas particulares, por esta proibido de pisar numa universidade. "Mas com a copa do mundo, a opinião pública mudou consideravelmente. Hoje não se pode deplorar a política dos militares em público, como faziam as donas de casa durante suas compras diárias, há dois ou três anos", me explicou o professor.

Como os militares conseguiram neutralizar completamente a crítica interna e encontrar apoio em vários setores da classe média? Ninguém sabe explicar de forma satisfatória. Todos, no entanto, se lembram que o governo lançou às vésperas desse campeonato do mundo uma vasta campanha durante a qual os argentinos foram convocados a se unir em torno de seu governo para enfrentar o "complô internacional" que se armava contra o país. Os militares conseguiram manipular uma grande parte do povo argentino. Os ataques da imprensa estrangeira contra as violações dos direitos humanos foram derivados como difamações contra cada um dos argentinos.

A vitória da seleção argentina reforçou ainda mais esse processo de identificação com o regime de Videla.

Um pintor de Buenos Aires descreve a situação de então: "Eu, pessoalmente, detesto os militares mais do que qualquer outro. Mas quando a Argentina ganhou a copa, não me contive e saí para a rua, dancei e abracei meus vizinhos. Na verdade, essa foi a única festa popular ocorrida nos últimos 15 anos na capital." No estrangeiro ainda não nos demos conta das conseqüências que produziram os acontecimentos em torno da capa do mundo. A oposição argentina também ficou surpresa com essa mudança de clima na opinião pública, ainda que ela sempre tenha falado das repercussões nefastas de tal espetáculo.

Com o mundial, os tempos não se tornaram mais duros somente para a oposição. Os que mais sofreram por causa da copa foram sem dúvida os gays. Alguns meses antes da grande festa, as batidas, já sistemáticas, foram aperfeiçoadas. Ninguém sabe exatamente por que. Só se pode especular. Gays com quem falei perguntando pelas possíveis razões, deram de ombro e me disseram que ninguém conhece de fato o funcionamento do aparelho de repressão homossexual.

Por que esse endurecimento sensível da repressão justamente dois anos após o golpe de estado de março de 1976. Quando os militares tinham o país totalmente sob seu controle? O que se sabe é o fato que a brigada de costumes dentro da polícia dispõe de uma autonomia considerável nas suas decisões e ações. Tal liberdade de movimento remonta ao início do peronismo, quando seu líder máximo — não dispondo do total apoio do exército — teve de recorrer ao auxílio de polícia para chegar ao poder. Peron teve de pagar caro por esse favor — a polícia passou a exigir uma vida relativamente independente, livre do controle das autoridades governamentais. (Anton Leicht)

Te contei, não?

Convidados para uma meia-dúzia de camarotes na Marquês de Sapucaí — todo o mundo quer ter uma bicha divertida como acompanhante —, os lampiônicos resolveram dar uma de "democracia", e foram ver o desfile do local reservado à imprensa. Péssimo local, aliás: a Riotur quis bancar a "hostess" e decidiu que os jornalistas teriam mordomias — refrigerantes e á gua min mas a cada dez minutos mandava sustar a distribuição por meia hora: e com isso muita gente ficou a noite inteira sem beber uma gota d'água.

Em compensação, nos banheiros, o movimento era grande (quem foi que disse que jornalista não **pega?**); era um tal de "olha a minha", "a minha é maior que a tua", coisas que a gente não ouvia desde os tempos de colégio (a maior, **mesmo**, era de um jornalista sueco que, além disso, exibia outra atração: um cachimbo cheio de haxixe; coisas de gente civilizada).

Depois que passou a quarta escola já havia um clima de delírio entre os coleguinhas da imprensa; a maioria veio prestar homenagens aos "corajosos rapazes do **Lampião**", que, empoleirados sobre a grade de proteção, sambavam loucamente. Mesmo aderindo à festa, não deixamos de registrar alguns detalhes interessantes, que agora passamos pra vocês:

1 — Noelza ex-Braga, e Paulo Roberto ex-Pontual cutucaram-se a noite inteira num dos camarotes. Noelza vestida com sua roupa de patinadora, o uniforme preferido das senhoras de mais idade do nosso **society**, atualmente. A certa altura, fingindo que era Ruth Escobar em **O Balcão**, ela resolveu mudar de roupa diante de todos; e vestiu uma fantasia verde, coberta de folhas outonais, que foi imediatamente batizada por um dos lampiônicos presentes de "árvore da coca".

2 — Betty Faria, no camarote das estrelas globais, era a mulher mais bonita de toda a Marquês de Sapucaí. Dentre as atrizes, a única que tinha cara de gente (ao seu lado, Djenane Machado não exibia um rosto, e sim, um esgar). Com a Betty estava o **divine** Cacá Diegues.

3 — Outra coisa careta e sem graça, no mesmo camarote, era Emerson Fittipaldi; que bofe mais aguado! E aquela mulher dele, que coisa mais azeda e mau humorada, meu Deus! Pra compensar, perto dele estava Carlos Alberto Torres, devidamente vigiado pela mulher, Teresinha Sodré (alô, alô, Teresinha: se você largar o braço dele um só instante, a gente pega...)

4 — José Fernando Bastos, João Paulo (Pufo) e Mário Vale passaram na primeira escola, Império Serrano, numa ala estranhíssima: cada componente tinha na cabeça uma espécie de polvo, cujos tentáculos balançavam como se fosse... cala-te boca.

5 — Jô Soares (outro do camarote global) trazia pendurado à orelha o seu mais novo brinco: a coitadinha da Sílvia Bandeira. A mesma coisa para o Juca Chaves: a mulher do Juquinha é linda de morrer, mas quando os dois estão de costas nunca se sabe quem é quem...

6 — Muita gente lamentando que o enredo da Unidos de São Carlos não fosse "A queda do império romano"; assim, o tombo que Mauro Rosas levou daria muitos pontos à escola.

7 — Anton Leicht e Nestor Perkal, correspondentes de LAMPIÃO em Fankfurt, e que estavam aqui para o carvaval, foram dois entre centenas de turistas que tiveram que passar pelo "corredor polonês" armado à saída da avenida: foram obrigados a deixar, como pagamento do pedágio, uma máquina fotográfica.

8 — Aí pelas cinco horas da manhã a confraternização entre as bichas e os sambistas que já tinham desfilado corria solta nos cantões na Marquês de Sapucaí. Um certo lampiônico, mas ousado, levou pra casa meia ala da Beija-Flor, com adereços de mão e tudo.

9 — De volta aos camarotes; o que tinha de grã-fina fantasiada de "Margarida" (aquela noiva do Pato Donald), com umas plumas de rabo de galo na cabeça, não era fácil. É como diz José Carlos de Oliveira: grã- fina, pra saber que existe, tem que ver as novelas de Gilberto Braga na televisão...

Mauro Rosas ao desfilar pela Escola de Samba Unidos de São Carlos, sofreu um acidente trágico. Caiu de uma altura de três metros e meio. Foi sua despedida do carnaval. Triste fato que nós registramos. Seu esforço para contribuir com uma escola que procura mostrar o autêntico samba no pé e ao mesmo tempo dá oportunidade para que todas as minorias brilhem na avenida, era superválido. Mauro, a partir deste ano não volta mais a desfilar. Perde assim o carnaval carioca um dos destaques mais esforçados. Ele trabalhou muito o ano todo pela a Unidos de São Carlos, inclusive organizando várias festas nos seus ensaios a fim de ajudar os dirigentes da escola. Nós por aqui vamos desejando que Mauro se recupere o mais rápido possível, e enviando nosso carinho lampiônico.

A divinal Carmem Costa, que no fim do ano passado declarou na Gueifieira Palace que "o povo guei pode me considerar uma mãe", acaba de lançar novo disco pela gravadora Continental. Entre as faixas, duas destacam: **Vício**, de Linda Rodrigues, e **Garoto de Aluguel**, de Zé Ramalho, está também conhecida como "canção pra fazer michê chorar". Prestigiem, que ela merece. Aliás, a propósito de Carmem, nossa solidariedade à grande cantora, nessa história da falsificação de sua carteira profissional. Se Carmem Costa, comprovadamente uma grande cantora há mais de 40 anos, teve que falsificar a carteira profissional para tentar se aposentar, quem deve se envergonhar é o INPS, e não ela. Mas respeito com as pessoas realmente importantes desse país, barnabés da previdência; Carmem é uma delas.

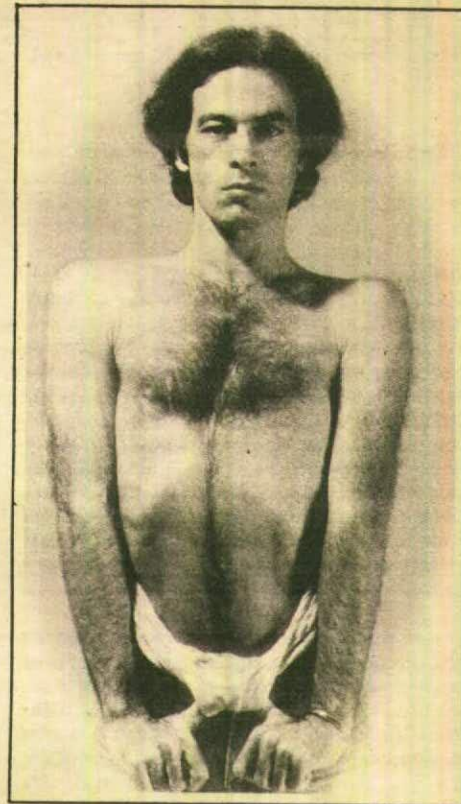
Suzie Wong, a editora do Jornal do Gay, acusando a todos os que fazem o LAMPIÃO de **comunistas.** O problema, japonesa, é que os comunistas de vez em quando são anistiados; agora os estelionatários, **nunca...** Entendeu, querida? Ou será que a gente vai ter que fazer um número inteirinho do Extra/LAMPIÃO contando suas aventuras? Quanto às suas ligações policiais, tão claramente insinuadas nas tortas entrelinhas do seu texto, a gente não as teme; elas podem garantir você, mas não servem pra mais do que isso, Akika.

● De Salvador, escreve o nosso chapinha Bubby Montenegro — aquele de que já publicamos uma foto de barba, bigode e coxões de fora, despontando por entre as anáguas e babados de uma fantasia de baiana rica — contando sobre o carnaval na capital da bixórdia em que se transforma a cidade no tríduo momesco (cruzes!). Diz ele que "a praça foi realmente do povo outra vez". No meio da pegação reinante, surgiu a argentina **Noya**, um travesti lindíssimo, arrasando nas escadarias do teatro Castro Alves, com o LAMPIÃO na mão, à guisa de bandeira, justamente o número em que falávamos do sufoco guei na terra "dela". A mesma **Noya**, inspiradíssima, vestiu uma mortalha na estátua de Castro Alves, mas a Prefeitura mandou tirar. Deve ter sido ótimo; Rafael Mambaba, nossa embaixatriz no reino de Momo, ficou satisfeitíssima de saber que LAMPIÃO virou bandeira da folia em Salvador. Mas Bubby que se cuide: outro dia ela foi flagrada remexendo nossos arquivos, em busca da coleção de fotos dele que temos aqui. Cuidado Bubby: a bofeca está apaixonadíssima por você. Quando se fala no seu nome La Mambaba revira os olhões e geme "que coxas! Que coxas!" Pode?

● Onze horas da noite. Uma amiga vai passando pelo buraco do metrô, no Largo do Machado, quando dois metrolinos a chamam para uma conversinha. Ela pensa, pensa e pensa, e não resiste ao canto dos sereios; levando em conta que uma hora no Hotel Gomes Freire está a 180 pratas, e que o mesmo período no Hotel sai por 200 cruzeiros, ela decide passar algumas horas no "hotel subway" que não tem porteiro nem cobra diária. Só que, lá em baixo, a conversa era outra: os metrolinos não queriam fofar, mas sim, assaltar a pobrezinha. Ela resiste, eles ameaçam dar porradas; a amiga acuada num canto de parede, suspense hitchcockano. De repente, uma luz divina baixa do teto da galeria e cai direto sobre a pobrezinha: é o espírito de Santa Madame Satã, o primeiro santo **underground** da Igreja Católica, que baixa para salvá-la. A amiga se transforma: com as ventas flamejantes, investe contra os metrolinos e os cobre de porradas. E, logo depois, ela é vista saindo do buraco do metrô, batendo nos peitos igual àquela bicha verde da televisão, a Hulk. Salve a nossa santa **underground! Eparrê!**

● **Os aníban vão acuendá as monas e levar pro ilê:** no dialeto das bonecas do subúrbio (**bichano** ou **bichês** para os estudiosos) esta frase quer dizer simplesmente: "a polícia vai prender as bichas e levar pra cadeia". A que vem isso? Está havendo muita briga, muita muvuca na Praça Tiradentes e na Rua da Carioca, tradicionais antros homossexuais do baixo mundo. É bom a gente mesmo acabar com isso pacificamente, antes que sirva de pretexto para uma repressão maior, que atingirá inclusive quem não tem nada a ver com o pato (ou com o pinto?). Pois espiões já me contaram que a prefeitura e o governo do Estado pensam em transformar a região em setor cultural, pode? Unidas venceremos. Brigando, iremos apenas parar no **ilê**. Não é, **monas**? Palavra de Mary Juana.

Esta aconteceu em Copacabana, em plena bolsa de valores; quatro rapazes, freqüentadores assíduos do local, resolveram aderir moda tão difundida em Ipanema: o **bottomless**, ou bundinha de fora. Entraram na água, tiraram os calções e ficaram flutuando como golfinhos. Eis que surge uma turma de bofes caretas: esperaram que os quatro saíssem de dentro da água e, quando isso aconteceu, baixaram a porrada. Só um, que não foi agredido, ao ver as amigas apanhando, resolveu apelar para o discurso. Virou-se para as demais freqüentadoras da bolsa e gritou: "Como é que é, gente? Vocês vão deixar que esses caras venham agredir a gente no nosso pedaço de praia?" Como resposta, a pobrezinha só teve o silêncio desdenhoso das demais. Nisso, chega a polícia. E quem acabou presa? A boneca que fazia o discurso. Ninguém sabe exatamente porque, mas com um detalhe: de todos os envolvidos no episódio ela era a única negra...

Outra chapa nossa nas paradas: Leci Brandão reconsiderou a sua decisão de não desfilar na Mangueira este ano, por causa da sacanagem que lhe fizeram ao cassar o seu belo samba-enredo no concurso interno da escola, sob a alegação de que ele era subversivo (sic!). Antônio Chrysóstomo, daqui da casa e do júri do programa "Fantástico" — rede Globo, para escolha do melhor e do pior samba-enredo do ano, votou em Sonho de um Sonho, de Martinho da Vila como o melhor e deu um zerão ao samba vencedor da Mangueira, uma melosa sessão de puxa-saquismo na Petrobrás. E olhem lá que o Chrys, apesar de viver apregoando — como todo especialista — que não torce por nenhuma escola, tem um fraco acentuado pela Mangueira. Mas julgamento é julgamento e Leci acabou gloriosa, com o seu samba muito bem cantado no **show** de Eliana Pittman — com todas as honras de vencedora moral da Mangueira neste carnaval que passou.

Olhem só: é o nosso tipo

Ney — o Divino — Matogrosso, em cartaz no Teatro Carlos Gomes com o **show** "Seu Tipo", que marca também a estréia de sua firma própria, a Matogrosso Produções Artísticas. Vibramos. Bicha boa de sela é assim mesmo: parte pra sua e não se deixa explorar por ninguém. Quanto ao título do **show** devia ser "Nosso Tipo", que Ney, apesar de mais magro, continua um tesão, o homem mais bonito do Brasil. O **show** é um luxo de se assistir: Neizinho investiu quase dois milhões na produção, com cenários de Claudinho Tovar, ex-Dzi Croquette e figura faladíssima na bixórdia do Rio, Paris e arredores. Todas ao teatro Carlos Gomes! Não é todo dia que se pode ver o Matogrosso de terno e gravata (uma das muitas invencionices do espetáculo).

Mulheres e Homens: uni-vos

Pouca gente sabe, porque a inauguração foi nas semanas que antecederam o carnaval, quando a demanda de programas gueis era enorme: mas existe uma nova casa especializada, no coração da Cinelândia: é o Bifão/Cabaré, que funciona bem ali na Rua Santa Luzia (quase esquina com México) todas as noites de sábado. Ao contrário da Gueifieira Palace, que fazia o gênero "divina decadência", o Bifão prefere um tom mais para o ingênuo. O seu **show**, movimentadíssimo, tem, entre outras atrações, Andréa Gasparelli — fazendo uma Gal Costa antológica —, Coralina, Laura de Vison, Mabel Luna, Rodá e Cíntia Levi. Muita dublagem, por enquanto, mas Adão Acosta, que comanda o espetáculo, promete novidades sensacionais. Uma delas é um **show** muito louco, a ser escrito a várias mãos (e pés, e outras partes da nossa divina anatomia) pelo pessoal aqui do LAMPIÃO.

No dia 23 de fevereiro o Bifão/Cabaré também realizou o seu Baile da Vitória. Foi uma festa ótima, na qual todo o mundo parecia se conhecer de longa data (Rafaela Mambaba dançou com todos os homens e mulheres presentes ao salão). Na ocasião, Denise Montes foi coroada a rainha da casa. E Laura de Vison, que além de professor de OSPB durante o dia, possui os maiores peitos do Rio (sem silicone), vai ser coroada Rainha do Cabaré.

Agora o melhor mesmo do Bifão é o seguinte: a casa faz questão de contar com a presença de mulheres gueis. Nada de discriminação; o ambiente é misto. As moças serão otimamente recebidas, garante Adão Acosta, pois lugar onde só vai homem é muito chato.

Mulheres atrás das câmeras

Sempre foi posta em dúvida a çapacidade da mulher nas áreas de atuação que não fosse seu "lar". No cinema, a mulher teve facilitada a sua participação mas sempre na frente das câmeras. E por ser o homem o dono do Poder, geralmente se procurou colocar na tela o talento dela, utilizan-do-a como objeto sexual. Devido às limitações que são impostas à mulher, na maioria das sociedades, tornou-se muito difícil para ela ultrapassar as barreiras postas à frente. Isso, no entanto, nunca foi suficiente para impedir que o talento de algumas mulheres rompesse os preconceitos e as dificuldades advindas delas.

Desde o início do século, com o cinema ainda embrionário, algumas mulheres, atrizes ou não, têm feito filmes participando da produção até a direção, ponto chave para a realização de qualquer filme. Em 1914, por exemplo, a americana Mabel Normand fez quase uma dezena de filmes, acumulando as funções de atriz e diretora. Na maioria deles, trabalhou com Charles Chaplin, a exemplo **Caught in a Cabaret e Her friend bandit.** Também sua contemporânea Dorothy Arzner dirigiu cerca de 20 filmes, tendo ainda trabalhado como assistente e feito a montagem de alguns. Sua primeira realização foi **Blond and Sand** (Sangue e Areia) em 1927. Até 1943, quando dirigiu seu último filme, **First comes Courage**, Dorothy realizou mais de uma fita por ano.

Nesse espaço de tempo, apareceram outras diretoras, onde se destacaram Lilian Gish, Lois Weber e Ida Lupino, que além de realizar alguns filmes, conseguiu enorme sucesso também como atriz.

No decorrer dos anos, o cinema foi passando por transformações, com Hollywood deixando de ser o centro da criatividade cinematográfica, com os americanos perdendo a supremacia para os italianos, que fascinaram o mundo pós-guerra com o movimento neo-realista, encabeçado pelos gênios Luchino Visconti, Vitório de Sica, Alberto Lattuada, Federico Fellini, Roberto Rossellini, e, posteriormente os franceses com a "nouvelle vague", ao tempo em que, a participação feminina continuava existindo, mas sem grande destaque. Até que no início da década de sessenta, surge uma diretora francesa no panorama cinematográfico mundial: Agnès Varda.

Agnès apareceu de uma forma explosiva: seu primeiro filme, "Le Bonheur" (As duas faces da felicidade), abalou a crítica e escandalizou as platéias de todo o mundo. Nele, ela mostra a intimidade de um casal pequeno burguês às voltas com problemas cotidianos, de uma maneira realista e crítica, assumindo desde já uma postura feminista, que para os que não sabem, não significa "ser contra o homem", mas lutar pela libertação da mulher, libertando também o homem. Essa preocupação com a situação da mulher ela manteve posteriormente com "Cleo de 5 às 7", até seus filmes mais recentes, a exemplo de "L'Une Chante"... L'Autre Pas" (Duas Mulheres, Dois Destinos).

mosa no mundo inteiro, iniciava os primeiros passos no cinema. Era Lina Wertmuller, que então trabalhava como assistente de direção de Fellini no filme "Oito e Meio". Tendo em conseqüência sofrido muita influência dele, Lina, no entanto, mantém a sua personalidade forte e marcante.

Sempre preocupada com os problemas sociais, a relação de poder entre a burguesia e o proletariado e as contradições de classe são a sua marca registrada. Mas o seu talento só foi reconhecido a partir de "Mimi, o metalúrgico", em 1970, com Giancarlo Gianini, seu ator preferido e presente em quase todos os seus filmes. Aí, ela mostra um operário questionando a exploração do patrão. Devido a esse conteúdo, fortemente político, o filme é proibido até hoje no Brasil e vários outros países.

A cada nova fita, o talento de Lina é reforçado. Dois grandes exemplos são "Amor e Anarquia" (Film de l'amore e d'anarquia), em 1972 e "Por um destino insólito", em 73. Mas a explosão mundial foi com "Pasqualino Sete Belezas", indicado para o Oscar em três categorias: melhor direção (primeira vez que uma mulher concorreu); melhor ator (Gianini) e melhor filme estrangeiro. Como já era de se esperar dessa malfadada Academia de Artes, não conseguiu levar nenhum, mas o filme foi aclamado pela crítica e Lina Wertmuller; tachada de gênio.

Também italiana e "escandalosa", Lilian Cavani fez seu primeiro filme em 1968: "L Canibali" (Os Canibais), onde coloca as "peripécias" dos nazistas, com toda a morbidez que o tema exige. O filme, que tem no elenco Pierre Clementi e Britt Ekland, só foi exibido na Inglaterra em 1973, cinco anos depois de realizado, e até agora é proibido no Brasil.

Da mesma maneira que "Os Canibais", um outro filme seu, "Porteiro da Noite" (Portier de Nuit) foi aclamado pela crítica. Também ele tem tema nazista, mostrando os soldados da SS aproveitando-se sexualmente dos judeus. Nessa fita, Dirk Bogarde tem um dos seus melhores desempenhos, ao lado de Charlotte Rampling, que aí provou as suas qualidades como atriz.

Surgindo em meio à mediocridade em que se encontra o cinema brasileiro hoje, com raríssimas exceções, Ana Carolina, depois de alguns curta-metragens, e um documentário longo sobre Getúlio Vargas, conseguiu realizar um filme brilhante, incisivo, insólito, onde ela rompe com a estrutura formal da linguagem cinematográfica dominante: é **Mar de Rosas**, talvez o filme brasileiro mais criativo dos últimos dez anos. Outra cineasta, Teresa Trautman, tem o seu filme **Os Homens que eu Tive** até hoje proibido.

Assim mesmo, uma ou outra tem conseguido transpor essas dificuldades, desde Gilda de Abreu, realizando alguns filmes, com o mais famoso, "O Ébrio", baseado numa música de Vicente Celetino, papel-título. Foi o filme mais popular na década de 50. E, mais recentemente, continuam aparecendo outros talentos: Maria do Rosário, atriz de alguns filmes que dirigiu o controvertido "Marcados para viver", uma abordagem do submundo jovem das grandes cidades.

Outra que chegou à direção é Vera de Figueiredo, que depois de alguns curta-metragens, realizou "Feminino Plural", discutindo a situação da mulher, dentro de uma visão feminista. Ela mesma declara: "Feminista eu sou desde criança e, ainda que pareça incrível, consciente disso desde a puberdade e adolescência. Mas foi a partir do momento em que entrei em contato com a cultura feminista do mundo inteiro, e vi que muitas mulheres tinham passado pela mesma angústia que eu, que minha posição se tornou mais forte. Eu sempre senti que provavelmente outras pensariam como eu, mas há uma distância muito grande entre elas, limitadas pelas paredes de suas casas, propriedades dos homens".

E é Ana Carolina, talvez, o exemplo máximo no Brasil, da mulher que consegue driblar o poder do homem no cinema, em cuja experiência como diretora, está claramente refletida a discussão do poder. Ela mesma diz: "Depois de realizar 'Getúlio Vargas', entrei no túnel que me levava do Brasil para dentro de mim mesma. Cheguei ao Mar de Rosas, cujo fio condutor havia sido aquela preocupação com o poder. Mesmo se tratando de um quadro familiar limitado: a esposa (Norma Bengell, o marido (Otávio Augusto) e uma filha adolescente (Cristina Pereira), o que se discute no filme é: com quem está o poder?

(**Marcelo Dantas e Rita Borges**)

LAMPIÃO

ave noturna

NEO/QUADRINHOS-1980
JOSÉ CARLOS MENDES.

NA SAÍDA DO ÍRIS O CAMBURÃO RECOLHE OS FREQUENTADORES QUE VÃO SAINDO DO CINEMA...

EI, VOCÊ! NÃO ADIANTA DISFARÇAR BONECA EU TE CONHEÇO.

MAS EU TENHO DOCUMENTOS!

NÃO ME INTERESSA SEUS DOCUMENTOS. VOCÊ ESTÁ É FAZENDO VIDA. ISSO É ATENTADO AO PUDOR. VAI ENTRANDO.

VOCÊ TAMBÉM! DIRETO PARA O CAMBURÃO.

O QUE VOCÊS ESTÃO FAZENDO É ILEGAL NÃO SE PODE PRENDER SEM QUE HAJA MOTIVO.

MAS ELES SÃO VIADOS!

E VOCÊS O QUE ESTÃO FAZENDO AÍ CALADOS? PROTESTEM

VOCÊS TEM DE APRENDER A LUTAR!

A GENTE TEM MEDO!

MAS O QUE É ISSO?

VOCÊ JÁ LEU A CONSTITUIÇÃO? DESDE QUANDO ISSO É CRIME?

TENTE ME IMPEDIR VOCÊ ESTÁ ERRADO.

VOCÊ NÃO PODE FAZER ISSO

VAMOS EMBORA!

CARTAS NA MESA

Oh, Minas Gerais!

Lampião continua aquela glória, cada vez mais e mais, deixando eu e meu amor ansiosamente esperando que a luz ofuscante do próximo número entre logo em nossos olhos. Bem gente, primeiro eu quero dizer que achei beleza os comentários de João Silvério Trevisan na reportagem das prostitutas, quando ele muito bem lembra "que de putos e putas todos nós temos um pouco", e que (ai meu deus, como foi lindo) as esposas e donas-de-casa muito têm em comum com as putas, uma vez que se vendem aos seus queridos maridinhos (vão abrir as pernas, cozinhar e lavar roupa, gente) com a bênção, é claro, da santa igreja, pai, mãe, irmãos e empregada. Amém.

Quero também aproveitar pra mandar um beijo na ponta do nariz da Leila Míccolis pela poesia Ciclo Familiar — Ciências Físicas e Contábeis (achei ótimo). Outra coisa, quando houve aquele encontro guei pintou um pessoal de B. Horizonte falando em fundar um grúpo guei aqui. Bom, o que eu quero é saber se é possível entrar em contato com esse pessoal e como.

Queria também entrar em contato com a Yonne (carta do último Lampião). Concordo plenamente com o que ela diz, embora ache que o já falido papel passivo e ativo não é tão falido assim, uma vez que ainda se vê muito disso por aí. Não entendi bem o que a Yonne propõe que seja feito e como, por isso gostaria de trocar idéias com ela. Caso interessar escreva, tá Yonne? Pra isso tô mandando o meu endereço, pra ela, pros outros e pra todo mundo que tiver a fim de transar alguma.

Queria também saber de vocês se vão avisar quando vai ser o 2º encontro guei (dia, hora, lugar...) porque eu e o meu amor estávamos pensando em ir. No mais gente, 889 bichas e lésbicas pra vocês e mais um monte de coisas igualmente boas. Edy (Rua do Ouro 671/101 — Serra — BH MG/30000) Recado para as lésbicas: Vocês já viram a reportagem que saiu no Pasquim de Fevereiro sobre lesbianismo? Pois é gente, se não viram tratam de ver com seus próprios olhos aquele festival de generalizações, frases idéias, piadinhas ridículas e burrices. É preciso fazer alguma coisa gente! Chega de ficar escondidas pelos cantos. P.S.: Desculpem a bagunça da carta, mâs é que tá em cima da hora do correio fechar.

Eddy — Belo Horizonte.

R. — **Olha, Eddy, pra ter notícias do pessoal aí de Belô que estava a fim de fazer um grupo, escreva pros grupos Somos e Auê, do Rio de Janeiro. Leila agradece o beijo (e a gente aproveita o ensejo pra lhe dizer que ninguém é mais beijada aqui na redação que ela). Quanto a Yonne, a gente ainda não transou nada com ela, porque o carnaval desabou sobre nós como uma avalanche. O Encontro do Povo Guei vai ser público e notório: você saberá através do LAMPIÃO de março todos os detalhes. Diz ao pessoal aí na capital mineira pra comprar mais o Lampa; Porto Alegre está quase passando vocês nos nossos índices de circulação: vocês vão deixar?**

Aguarde:
"Histórias de Amor"

Ai, do caminhão!

Prezados Lampiônicos: primeiramente quero apresentar o meu protesto pelo fato de vocês não terem publicado duas cartas que enviei anteriormente. Somente porque as cartas continham críticas e algumas posições assumidas por vocês face ao problema do homossexualismo, creio que não era motivo para que fosse aplicada a censura interna (afinal Lampião é ou não um Jornal democrático?) Depois quero protestar também contra a matéria publicada no Lampião nº 18, sobre o Ney Matogrosso intitulada "O homem mais "sexy" do Brasil é Ney". Gostos não se discutem, porém o homem mais "sexy", mais bonito (e mais outras coisas também...), embora, eu nunca tenha provado, só visto, é o "Gaúcho" (José Paulo) motorista de ônibus, ex-empregado da Municipal (184-Estrada de Ferro-Laranjeiras) e da Luxor. Aliás uma sugestão para vocês: na seção do anúncio de assinaturas do jornal, vocês poderiam colocar a foto do Gaúcho em trajes menores. Seria um sucesso! Com seus dois metros de altura (imaginem as proporções do resto), o Zé Paulo, que agora está dirigindo táxi, é um pão! Só de olhar ele já satisfaz.

E agora eu gostaria de solicitar uma ajuda ou um conselho de vocês: minha obsessão é "transar" com motoristas, de preferência de ônibus ou de carreta. Já "cantei" mais de cem, porém, nunca consegui. O que vocês acham? Será que motoristas são tão difíceis assim? Quanto às críticas, eu só quis participar do debate sobre o problema e, dentro do possível, dou uma pequena contribuição. Certo de que poderei contar com a vossa preciosa atenção, antecipo os meus agradecimentos.

Walmir de S. L. — Rio de Janeiro.

R. — **O nosso lado masoquista adora espinafrações, Walmir. Assim, não foi por censura interna que deixamos de publicar suas cartas anteriores; é que a gente recebe dezenas de cartas por dia, e o espaço aqui só dá pra publicar algumas. Assim, depende da sorte da boneca missivista, na hora do sorteio. Quanto à sua dificuldade em transar com motoristas, meu bem, alguma coisa está errada com você. Dê uma olhada nos motoristas de táxi que ficam parados diante da "Taberna Azul", ali na Cinelândia; basta entrar no carro de um deles e dizer, "toca pro Hotel Norte-Sul"; não dá outra. Quem sabe você é muito tímido? Para os carreteiros, aí vai nossa receita especial, batizada de Easy Rider: programe uma viagem para Governador Valadares, Minas Gerais. Pode ser de carro ou de ônibus, tanto faz. Vá parando em cada uma das cidades do trajeto. Mas, atenção: nunca se hospede nos hotéis centrais dessa cidade; procure aqueles da periferia, onde os carreteiros estacionam suas monumentais carretas e ficam passeando lânguidos ao luar. É uma loucura! Você nem imagina as posições que se pode fazer dentro de uma cabina de Scania-Vabis. Aqui na redação, várias pessoas já experimentaram essa receita e aprovaram. Vá em frente, querido!**

Querido vovô

Valentes rapazes do **Lampião**: Através da revista "Veja" tive conhecimento da existência desse Jornal. Adquiri o número de janeiro e, que surpreendente revelação! O que me tocou mais profundamente foi a constatação constrangedora do J.L. na seção "cartas na mesa": A Igreja, de vez em quando, sangra o coração do homem p/não se ferir como instituição. Triste! mas, pura verdade! Vejam o papa dos marginalizados, João Paulo I na sua 1a. encíclica; reafirmando a velha moral, ele condena o casamento de homossexuais e todo o sexo fora do matrimônio. Como é que fica o guei nessa história? Pior ainda foi quando, na América, ele acabou condenando diretamente o homossexualismo mesmo. Como é possível, meu Deus! E eu que rezei tanto p/que o papa tivesse a coragem de nos fazer justiça! J.L. tem razão: a Igreja é, muitas vezes, madrasta. O papa nos deve, quando menos, um esclarecimento. Ele com sua esmagadora autoridade, se colocando do lado do preconceito, veio nos injustiçar ainda mais. Ou será que, na Igreja, devemos representar o papel de pústulas no Corpo Místico de Cristo?

Bem, irmãos, esta carta é só um desabafo e uma adesão irrestrita de solidariedade. P/mim nada vai mudar. Com amargor encerro a vida (65) anos. Num meio adverso, interiorano, sempre vegetei enigmático, mimetizando sempre p/sobreviver. Meu consolo agora é a consciência de que fui herói, e a minha Fé cresce cada vez mais em meu coração uma esperança de que a Justiça incriada que é Deus há de reinar soberana sobre o caos das complicações humanas, e que melhores dias já se assomam no horizonte p/os meus irmãos. Adeus, amigos! O abraço mais sincero e fraterno do mais carinhoso vovô do mundo.

Anônimo — Belo Horizonte.

R. — **A gente abre uma exceção naquela hitória de não publicar cartas não assinadas. Tá na cara que o desabafo do "Vovô" é sincero, por isso vale a pena divulgá-lo. Mas sem essa de se despedir da vida aos 65 anos, querido. Então você não sabe que bicha nunca morre, mas vira purpurina? Anime-se e viva mais, que ainda é tempo!**

Estelionatários

Caros amigos, através de vocês consegui o endereço do "Somos" e entrei em contato com uma turma legal demais; tentei entrar numa igual aqui em Fortaleza, mas a turma daqui só espera que se faça tudo sozinho, e depois querem somente colocar o nome. Gostaria de saber de vocês da existência de uma agremiação que edita uma revista "COLÍRIO GUEY"; eu entrei numa dessa editora, paguei e até hoje, quase seis meses após o pagamento, nada! Pergunto-lhes pois recebi uma carta pedindo que mandasse mais dois cartões de associados, que receberia como brinde uma assinatura do **Lampião**. Caso fosse possível, gostaria de saber uma explicação daí de vocês, já que vocês são tão bem informados...

Gostaria de saber no caso de se fazer a assinatura do **Lampião**, como o mesmo chegaria até minha casa. Aqui em casa existe o lance de guei ser igual a não existir, e simplesmente não poderia chegar um jornal tão mal compreendido pelas tais pessoas **normais** como é o caso do **Lampião**. Termino desejando-lhes um 1980 cheio de venturas e vitórias, saúde e força para todos vocês.

C.P. — Fortaleza, CE.

R. — **Mande-nos urgentemente o endereço dessa tal de "Colírio Gay", Cepê, pois a gente vai la dar uma surra nestes vigaristas. Iso simplesmente não existe, é puro estelionato, e o que é pior, estão usando nosso santo nome em vão: LAMPIÃO não tem nada a ver com isso. Mande pra gente todos os detalhes, que a gente vai lá. Quanto à assinatura, o jornal lhe será enviado todos os meses, num envelope fechado, sem nada que identifique sua procedência, a não ser o endereço de nossa caixa postal. Nenhuma bandeira, portanto. Pessoalmente nós não gostamos disso, mas é preciso compreender que nem todo o mundo está a fim de — ou pode — empunhar bandeiras. E vê se anima o pessoal aí de Fortaleza, que LAMPIÃO está em todas as bancas da Praça do Ferreira.**

CARTAS NA MESA

Amor e carinho

Queridos amigos do **Lampião**: Há muito tempo tenho em mente escrever para vocês, mas as circunstâncias sempre me impediram. O motivo principal que me levou a escrever esta carta foi para louvar o trabalho de vocês, o qual acompanho desde o nº 8. Seus trabalhos me são simplesmente gratificantes. Como minha vida sexual está praticamente limitada ao Rio, quero fazer aqui uma observação: Todos os paulistas que aí conheci, são exclusivamente ativos (desculpem-me o rótulo), mas em compensação, são extremamente carinhosos; e o que acontece com os cariocas em sua maioria é exatamente o contrário. Há exceções, é óbvio.

Quanto ao artigo de Aguinaldo Silva (Lampião nº 20 — pág. 3), achei desnecessário, embora respeite sua opinião contra a Igreja, já que os homossexuais, em sua maioria, são ligados aos cultos afro-brasileiros. Antes de terminar, gostaria que os gueis das cidades vizinhas, Volta Redonda, e Resende, se libertassem um pouco mais, abrissem mais suas asas, e não voassem para tão longe. Digo isto aos enrustidos. Sem mais, despeço-me pedindo desculpas, reconheço, pela frieza desta carta. Continuem em frente meus amores. Precisamos de vocês. Mil000 beijos.

Carlos Augusto — Barra Mansa, RJ.

R. — **Acho que os paulistas que você conheceu lhe deram um golpe, Carlinhos. Exclusivamente ativos!!! Que coisa mais pobre! Claro que existem paulistas maravilhosos que se deixam possuir numa boa, e estes é que são os melhores, meu bem. Parece que é verdade mesmo: os paulistas são mais carinhosos. Deve ser porque lá é mais frio, sei lá. Em compensação, os cariocas têm uma cor, nhan-nhan!**

Olha o romance

Queridos amigos: conheci o **LAMPIÃO** por acaso; estava fazendo uma análise sobre a imprensa alternativa e tive a oportunidade de ler o nº 19. Desde aí minha vida mudou, pois, acreditem se quiserem, me apaixonei por uma carta. Li e reli que até sei de cor aquela cartinha tímida. Cheguei a escrever duas cartas pra vocês para entrar em contato com ela, mas acabava sempre rasgando e esperando o momento certo. E por razões que nem a nossa vã filosofia pode explicar, conheci a autora da carta — Penny. Nesses poucos dias nos tornamos ótimas amigas, parece até que já nos conhecíamos há anos.

Ela é tão maravilhosa como eu tinha imaginado, estou completamente apaixonada por ela. Mas ela é uma pessoa incrivelmente tímida, não consegue soltar o enorme sentimento que traz em si. Por notar que comigo ela é mais espontânea, começei a dar algumas dicas a meu respeito. Mas o medo, acho eu, de decepção amorosa faz com que ela crie uma couraça.

Levei-a ao **show** da Ângela Ro Ro, onde a maioria do público é homossexual, pra ver se ela se soltava mais. Antes de começar o **show**, olhava todos os casais presentes como se fossem de outro mundo, espantadíssima. Pensei que eu estava completamente enganada, que aquela menina, com todas as características da carta, não era a mesma. Então começou o **show** e ela se soltou um pouco. Maravilhosamente solta, comentando comigo as piadas e achando Ângela ótima, queria assistir outra vez. Entusiasmada levei-a de novo, ela estava mais tranqüila e se divertiu mais.

Após o **show** fomos ao Acapulco para ela conhecer e para ver se dava pra me declarar. Bem, dizer que ela ficou espantada, principalmente com as cantadas que a turma passou nela, já era de se esperar. O que mais me intrigou é que ela olhava tudo com muito interesse e sem mostrar rejeição. Eu morri de ciúmes, pois o sucesso que ela fez, eu nunca tinha visto nenhuma garota fazer por la. Como ela estava atônita, aproveitei para irmos embora. Ficamos comentando sobre o bar, na porta do prédio dela, umas duas horas. E eu procurando no rosto dela, na voz, alguma característica ou dica para que eu pudesse me declarar ou tentar beijá-la.

Por isso é que não consigo entender se aquele entusiasmo todo, se essa amizade enorme, se toda essa confiança que ela deposita em mim, essa aproximação diária (ficamos juntas 16 a 18 horas por dia, quando não ficamos penduradas horas a fio no telefone), poderá me dar o direito de pensar que ela esteja interessada por mim. Sei que vocês não gostam de dar conselhos, mas gostaria que me orientassem pois estou completamente maluca, sem entender nada, e não tenho com quem me abrir.

Além do mais, se não for ela a menina da carta, não quero perder a sua amizade, pois fico feliz em estar apenas ao lado dela como amiga. Gostaria que publicassem essa carta mesmo com o risco dela perceber de imediato. E se isso acontecer, que ela saiba que eu a amo de verdade, que não quero ser platônica, quero ser verdadeira, que quero fazê-la real dentro do meu ser. Ela dizia na carta que a solidão é o seu feminino singular; pois bem digo nessa que quero fazer dela o meu feminino plural.

A.O. — Rio.

R. — **É, a carta da Penny fez realmente muito sucesso. Sorte sua, AO, se essa menina que você conheceu for a própria, pois tem muita gente na captura dela. Agora, se não for, nem por isso você deve se decepcionar. Afinal de contas, você está gostando é dela, e não de uma pessoa hipotética chamada "Penny". Esse negócio de amor é muito complicado, não existem fórmulas, mas a nós parece que você já deveria ter se declarado há muito tempo. Você diz que não tem com quem se abrir? Pois então se abra com a própria, conte tudo pra ela; quem sabe ela não está vivendo o mesmo drama — querendo se declarar a você e sem coragem? Trate de concretizar o seu amor, querida, pois em matéria de amor, neste começo de 1980, pintaram uns bodes pretos que o profeta Fernando Gabeira infelizmente não previu (aqui na redação, por exemplo, tem até gente bancando a Dama das Camélias). Assim, vá em frente e garanta o seu lugar no trem da alegria. Com ou sem a verdadeira Penny, mas com esta sua menina, que parece ser uma gostosura. Beijos.**

Cantorecas

Querido **LAMPIÃO**: Sou leitor há algum tempo desse jornal maravilhoso, e hoje decidi escrever-lhes, depois de ver a resposta inteligente que vocês deram a um leitor sobre a "cantora" Simone, que achei certíssima! Realmente, Simone não quer nada conosco, tanto ela como Maria Bethânia. Elas foram rotuladas de "Gueis" (e não sei se realmente são) somente para tirarem vantagens da nossa classe! São anti-sociais, só se sentem seguras num palco, não se misturam com os fans. Cantora "Guei" realmente é Emilinha Borba (não sou fan dela, para falar a verdade), que se mistura com os viados, tanto na rua quanto nas rádios e nas missas que realiza anualmente, no seu aniversário. Sou fan incondicional de Ângela Maria, que também gosta de "gueis" mas não tanto quanto Emilinha. Por falar nelas, fui na festa maravilhosa do dia 7 de maio do ano passado, dia do aniversário do "nosso" **LAMPIÃO**. Espero que este ano haja outra festa maravilhosa como aquela!

Fernando de Oliveira — Rio.

R. — **A gente resolveu dar um tempo nesse assunto de Simone e Bethânia, Fernando, porque o vocabulário gasto e ambíguo da esquerda machista — "patrulhamento", "cobrança", etc. — já começou à ser usado contra nós nesse episódio, e sinceramente, aqui ninguém tem saco pra ficar respondendo a essa gente sem imaginação. Quanto a Ângela Maria, só pra você ter uma idéia: ano passado, no dia da "Bixórdia", ela tomou um avião da Ponte Aérea e enfrentou uma tormenta na rota Rio-São Paulo só pra chegar a tempo de cantar na nossa festa. E de graça, só pra prestigiar a classe. Além disso, Ângela é disparada a maior de todas as cantoras do Brasil. Perto dela, Simone e Bethânia ficam parecendo dois pintassilgos diante de um uirapuru. Ou, pra ser mais exatos: ficam parecendo uma cigarra e um carcará. Cruzes!**

Geração perdida

O Movimento em Defesa do Menor vem a público externar o seu repúdio pela atitude das autoridades constituídas de flagrante desrespeito aos Direitos Humanos no tratamento dispensado aos menores da Unidade Educacional de Mogi-Mirim, após a rebelião dos dias 20 e 21 p.p. O transporte dos menores de 12 a 18 anos, em viaturas da polícia, e o seu envio às cadeias públicas, é mais um sinal de que o problema vem sendo tratado nas suas manifestações imediatas e não nos seus fatores geradores: os sócio-econômicos e políticos. Criar prisões para menores significa apelar à violência como forma de contenção de problemas gerados pela própria violência inerente do sistema, que se reproduz dia-a-dia na sociedade.

Movimento em Defesa do Menor — São Paulo.

R. — **Está na pauta de Lampião um número especial sobre o assunto, pessoal do MDM, e a gente espera contar com a ajuda de vocês. O tema é o seguinte: por que os heterossexuais torturam, exploram e matam suas crianças? Entre outras coisas a gente pretende acabar com essa idéia de que os homossexuais são, habitualmente, corruptores de menores. Quem corrompe as crianças é o sistema, e o sistema é heterossexual.**

Os Sete Estágios da Agonia

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Flor. Flor. Cogumelo. Haste. Cogumelo abrindo em flor.

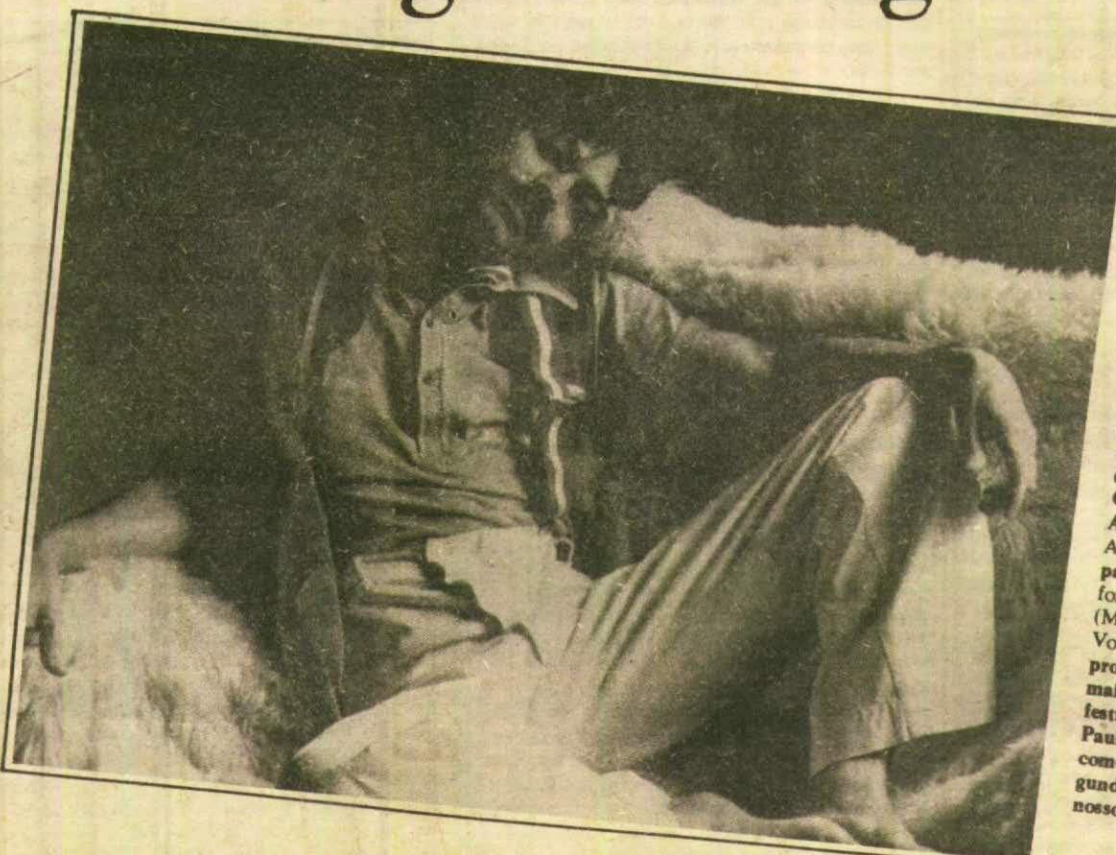
• "Então inchaço sagrado. Não por magia? Mas por amor."

• "Sim, fascínio que endurece. Que pede o úmido, o toque. Ponte de ser para ser. Perfeita grossura."

• "Flor rosada. Rósea beleza despetalada. Pinto espeto. Fios enrodilhados no sopé do mastro, teu."

• "Cheiro de puro ácido amor esse que impregna como o penetrador. Perfume inchado."

• "Cogumelo tanto tempo adormecido, contemplando paredes de privadas. Eu tanto tempo esperando às tuas portas abotoadas. Toque que alucina me tira ais beijando devagar com sua inflada. Pau de amores ponto nevrálgico do desêjo onde toco e massageio, e se umedece. Tiro ais do toque que suplica mais. Dói? Com ais se compõe o amor. Que bom, doer tanto assim de amor. Chaga que sou. Chaga que somos. Eu à espera da tua prulência, teu escarro, haste. Mastro levantado onde agarro pra me salvar. Mastro de todo amor onde prende minha bandeira às vezes preta de pura paixão. Ou branca de entrega, não mais explicações. O mundo começa na perfuração do teu cogumelo. Rasga, escancara. E aqui acaba também."

• "Ai boca, ai buracos, quanto se abram mais buracos. E me abençoe, benção que fabrica no inchaço teu perfume branco, você rosada."

O rapaz lânguido da foto que publicamos nesta página é João Silvério Trevisan, autor de "Os Sete Estágios da Agonia", novela que fecha o volume "Histórias de Amor" com que a Esquina-Editora se lançará na aventura da publicação de livros. Os outros autores são: Aguinaldo Silva (O Amor Grego), **Gasparino Damata** (A Desforra) **e Darcy Penteado** (Meu Amante, o Ser Voador). **O livro estará pronto em meados de maio, e seu lançamento festivo, no eixo Rio-São Paulo, fará parte das comemorações do segundo aniversário do nosso LAMPIÃO.**

• "Ai flor umedecida de desejo. Inchaço do teu ser. Amor que pulsa e palpita. Cássio falado, alado. Abram, infladas asas do amor. Deixa molhar teu cogumelo, empapar de benta água que sou, só súplica."

• "Compridíssima vara. Redondos os bagos. Pinto. Pêlos. Pêlos eu quero. Chafurdar nos pêlos perfumados. Cheiros todos. Minha criança de grande vara. Deixa eu te lavar lamber. Te adorar lamber. Abrir os sentidos todos e ser tomado por todos os teus perfumes, escancaro. Teu suor e merda e amor puro barreira nenhuma. Farei tudo pra chegar aqui onde está estendido o mastro coroado, aqui plantado, onde hasteio o amor de todas as cores, lá no fundo."

• "Ais, eu digo, quanto mais quereria até sofrer demais esse amado mal que é o amor chetado por pele e pêlo. Varado furando a vara. Escâncaro sim. E vem até esta boca me falar de amor. Ai. Ai. Ai. É a delícia de todas as viagens quem sabe qual das maravilhas aqui debaixo onde uma tal grossura transmite o amor. Te abençôo, divino carnal. Sangüínea pulsão ou esponja que me carrega quero me rasgando, rasgando te rasgando voando para dentro."

• "Abismos se abram, então. O amor chegou com sua flor escancarada. Néctar e leite de flor, mel do deserto plantando sementes em mim. De muito amor."

• "Então, dá teu perfume de leite, bálsamo, ungüento, destilado cheiro da tua haste em flor, bortando nos teus mistérios, nas cavernas do teu desejo. Escarro e poção. Me unge, banho fonte flor mais do que o néctar. Essência."

• "Então. Podemos gritar o nome do fim."

• "Escolha o que preferir contanto que me resuma em você. Qualquer fim é predileto, no abraço do meu Cassiris. Me diluo no teu amor. Nosso começo o amor."

• "Então, Os. Nesse momento procure não ter medo. Não há motivo. Não tem me. Não tema seu contacto. Acho que é frio mas só. Só no começo. Porque vou estar entrando firme milímetro por milímetro de aço e isso acelera tudo. (**Pede lábios, furos, cavernas. Molhadas que engolem. E ardentes as bocas de carne/músculo**).

Vou enfiar sem medo agarrado a ele, as mãos fazendo pontaria certeira com o pensamento naquilo que a gente escolheu. Não vamos erras. (**Cravos encarnados abrem até o infinito, escâncaras de desejo. Escorregam tamanhos todos para as profundezas. E movimento mecânico quase**). Abra a boca e tudo como se fosse beijar. Beijos nunca tidos mas sempre desejados. Beijo que você nunca beijou, Osí. Se quiser, apalpe com a língua. Trinque os dentes para sentir como é real a matéria. Feche os olhos igual uma cria. Uma criança que sonha. Osí mamando. Agarrado que mama e eu te levo para as alturas cada vez mais para longe, lá em cima onde a gente nem sabe ou muito lá embaixo quem sabe. Você voando mamando naquilo que te dá forças, que te levanta e cura para sempre de todo peso. Vamos embora a 900 por hora. Muito mais de 13.000 de altura. Cada vez mais. Até seu jato disparado atravessar tuas carnes, eu sendo mais do que eu muito mais, todo o resumo em poucos segundos. (**É a leitosidade, leito definitivo. Duas hastes chafarizes. Líquidos brandos, quentes. Ternura de espasmos infantis, pura ingenuidade do ser que jorra. Jorro brando, aquecido. Mas impulso. Fisgo de pegar amores. Creme de gente. Clara e semente. Perfume de todos os poros, gritos gemidos. De perfume que apaixona. Paixão para engasgar e amor engolido. O ser todo leitosidade. Do homem escorrendo pelo humano adentro. Derreta-se na ponta da haste, flor que arde. Aponta para o infinito, flecha aguçada. E zarpa.**) Então abre-se o céu e explode o som maior que tudo. Tudo vai começar. Sairei disparado atrás de você, Osí meu sentido. Depois do teu, será minha vez de beijar. A felicidade mais esperada vinda do contacto talvez frio, só no começo. Mas também serei firme sendo penetrado de alegria. Com mãos juntas em torno, suspirando por você. Vou beijar e sentir que só no começo, mas talvez sinta já o gosto do sangue promissor. Vou pensar em você disparado. A gente indo longe a 100000 anos-luz. Osí, beijo a morte."

• "De quantos disparos precisa a morte?"

• "Ou então. Abre-se o gás. Mas esqueci de acender o fósforo. Então. Só aquele som crescendo, tenho certeza, bonito como nunca se ouviu. Não sei como é, Osí. Só sei que. Só sei que. Só sei que. Só sei que é perfume. De todos os poros do mundo, perfumando. Seu corpo o meu embalsamando-se de perfumes. Vai ver como vamos. Enlouquecer do som. De perfume, Osí. Completo nas carnes como nunca. Será, acho. Será. Será entoado. Como na igreja, agora o universo. Brota aqui o canto perfeito do amor. Não sobre mais nada além."

• "Nada sobre o mais, além de nós, Cassiris."